

2
Ten



Louisa gr

Ernesto Priester

Siencio sc.

PRIMAVERA ETERNA

COMEDIA-DRAMA EM 3 ACTOS

POB ERNESTO BIESTER

REPRESENTADA NO THEATRO DO GYMNASIO



LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

RUA AUGUSTA, 50 e 52

1860

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"
Tombo N.º 30.958
MUSEU LITERÁRIO

TYPOGRAPHIA DE M. DA MADRE DE DEUS

Rua da Vinha, 43.

PERSONAGENS

JAYME, 25 ANNOS	SRS. SANTOS
JAYME D'AVILEZ, 57 ANNOS	TABORDA
MATHEUS SOARES, 38 AN-	
NOS	ABREU
LOURENÇO DA SILVA, 45	
ANNOS	SIMÕES
MATHILDE — 24 ANNOS . . . SR. ^{as}	E. LETROUBLON
CAROLINA — 23 ANNOS . . .	MARIA JOSÉ
D. ROSALIA — 42 ANNOS . .	EMILIA CANDIDA

PRIMAVERA ETERNA

COMEDIA-DRAMA EM TRES ACTOS

ACTO I

Uma sala elegantemente mobilada.

SCENA I

JAYME D'AVILEZ E MATHILDE

JAYME D'AVILEZ (*recostado n'uma poltrona, fumando um charuto, e com um jornal em cima dos joelhos.*) Acabaste de ralar?

MATHILDE. Ainda não. Porque?

JAYME DE AVILEZ. Porque estou á espera que acabes para continuar a lêr o noticiário d'este jornal.

MATHILDE. Em quanto negar, não acabo, creia. Se eu sei que é verdade.

JAYME D'AVILEZ. Não é.

MATHILDE. É.

JAYME D'AVILEZ. Ora não teimes, filha.

MATHILDE. Para que teima meu pae, sabendo que eu tenho razão!

JAYME D'AVILEZ. Isso é que eu nego.

MATHILDE. Com a bocca, mas aposto que lá na sua consciencia...

JAYME D'AVILEZ. Na minha consciencia!... na minha... Ora adeus; pensa o que quizeres; mas deixa-me a consciencia socegada. (*Áparte.*) Ainda hoje ponho todos os criados na rua.

MATHILDE. Já lh'a inquietei, e era o que eu queria. Agora, repita ainda que não se recolheu para casa ás cinco horas da manhã?

JAYME D'AVILEZ. E porque não? Mas já que duvidas... apresenta-me quem t'o disse... Veremos se deante de mim o affirma.

MATHILDE. Quer?

JAYME D'AVILEZ. Quero. (*Áparte.*) Parto-lhe uma costella com toda a certeza.

MATHILDE. Mas hade prometter-me que lhe perdoe?

JAYME D'AVILEZ. Heide ser generoso, descança, (*Esfregando as mãos, áparte.*) Se me cae nas mãos, desfaço-o.

MATHILDE. Então queira levantar-se. (*Dando-lhe ambas as mãos e ajudando-o a levantar-se.*) Agora, fite-me bem... assim...

JAYME D'AVILEZ. Depois?

MATHILDE. Depois... depois está deante de quem m'o disse.

(*Cumprimentando Matheus.*) Senhor Soares. (*Áparte.*) Este homem está abrindo a sepultura do pae e pôde fazer a infelicidade da filha. (*Sae.*)

SCENA V

JAYME D'AVILEZ E MATHEUS

JAYME D'AVILEZ. Agora accende um charuto e senta-te para aqui.

MATHEUS. (*Indo accender um charuto, diz áparte.*) Ainda que seja contra vontade d'ella, encontre eu meio, embora desairoso, de fazer este casamento, que o aproveito logo. (*Dirige-se para o sophá onde está Jayme e senta-se.*)

JAYME D'AVILEZ. Em primeiro logar declaro-te que a noite de hontem já me custou cara esta manhã.

MATHEUS. (*Rindo.*) Devêras?

JAYME D'AVILEZ. Se fosse á algibeira tambem eu me ria, como tu... mas não foi... foi ao coração, por isso me doeu. Saberás que a minha Mathilde espera-me todas as noites, fez-me hoje essa revelação e fez-m'a por que lhe aggravou os cuidados a noitada de hontem, persuadida como está, de que pôde ser prejudicial á minha saude, e mesmo á minha vida, o perder assim noites. Coitada! não sabe o vigor d'esta tempera. É ferro — e do melhor.

MATHEUS. Tens dado provas d'isso; porém ella não as sabe, e o que faz é d'uma boa filha.

JAYME D'AVILEZ. Dize d'um anjo, porque o é. Melhor alma do que a sua não conheço, nem ha. Resoluta e estouvada, como um bom rapaz, por-

que os estouvados são sempre os melhores; se são estouvados é porque lhe pula nas veias o sangue da mocidade; meiga e sensível como uma verdadeira mulher. Deus queira que acerte na escolha, ainda que é difficil. Ninguem a val e ella val por todas, ao menos para mim. Ralhou-me hoje e talvez ralhasse bem. Perdi a prisão da mulher, fiquei com a da filha... os enfados d'aquella choro-os ainda hoje, as queixas d'esta bemdigo-as sempre passado o momento. Mas deixemos o sagrado e vamos ao profano. Que soubeste d'aquella rapariga de hontem?

MATHEUS. Soube muita coisa... e já adeantei bastante.

JAYME D'AVILEZ. Devéras?! És um homem precioso n'estas emprezas. E julgas que poderei realisar o que te disse? Bem sabes que tenho sempre as mãos rotas para satisfazer taes caprichos? E desta vez, parece-me que ha mais do que capricho... o ar modesto, direi mais, os modos graves e serios da tal rapariguinha impressionaram-me... Se não fôra a tia, de certo, não tinha tido semelhante pensamento... mas a tagarellice d'esta e o empenho de travar conhecimento comnosco é que me faz desconfiar... Mas vamos lá a saber o que houve?

MATHEUS. Cuidei que me não deixavas fallar mais...

JAYME D'AVILEZ. Tem paciencia... é tudo enthusiasmo ainda... Agora conta, conta tudo para ahi que prometto não te interromper.

MATHEUS. Veremos. Saberás que a tal tia foi quem me fez suspeitar probabilidades favoráveis.

JAYME D'AVILEZ. Logo vi... eu cá logo disse comigo... aquillo é por força uma Lucrecia Borgia, de crinoline.

MATHEUS. (*Cruzando os braços.*) Então?

JAYME D'AVILEZ. Está dito... nem mais palavra.

MATHEUS. Ora em quanto tu conversavas a rapariga, fui eu mimoseando a tia com algumas finezas que ella ouvia com prazer, arrebicando-se toda, e agradecendo-m'as com uns olhares...

JAYME D'AVILEZ. Expressivos e fascinantes... Conquistastel-a, aposto. E ella não está má ainda... é mulher de quarenta annos, mas fresca e apetitosa... Era o meu genero, quando tinha vinte annos.

MATHEUS. Acabaste?

JAYME D'AVILEZ. Tem razão... agora... sou mudo.

MATHEUS. Por gratidão, recolhi os taes olhares n'outros identicos, e depois de estabelecido o fio electrico, consegui que me offerecesse a casa, isto é, dizendo-me para salvar as conveniencias, que a sobrinha era costureira...

JAYME D'AVILEZ. Vamos lá immediatamente commendar-lhe vinte duzias de camizas.

MATHEUS. Espera, homem. Disse-me tambem que tinha um quarto particular que alugava a um hospede...

JAYME D'AVILEZ. Trata de lh'o tomar já por cinco annos.

MATHEUS. Isso era bom; mas está tomado.

JAYME D'AVILEZ. Por quem ?

MATHEUS. Por um rapaz.

JAYME D'AVILEZ. Mão. E o rapaz é rico ?

MATHEUS. É pobre; mas tem quem o proteja ás escondidas.

JAYME D'AVILEZ. Alguma velha ?

MATHEUS. Não; uma rapariga, e bonita, segundo lhe ouvi.

JAYME D'AVILEZ. Valha-nos isso. Já se vê que não tem pretensões á outra.

MATHEUS. É provavel; e é n'esse convencimento que a tia lá o deixa viver. Como sabe que elle ama outra está perfeitamente descançada a respeito da sobrinha, e ainda mais descançada sabendo que a outra é verdadeira e intima amiga d'elle. Eu, para não perder tempo, fui hoje logo pela manhã procural-as.

JAYME D'AVILEZ. E não vieste buscar-me ? Isso não é d'amigo, Matheus.

MATHEUS. Tinhas perdido os passos como eu perdi. A tia não estava em casa e a sobrinha não quiz abrir a porta.

JAYME D'AVILEZ. Não sei porque; mas agrada-me esse procedimento da rapariguinha. Vamos lá juntos agora, talvez a tia já tenha voltado. Que boa inspiração me levou hontem de tarde ao Passeio da Estrella. Heide lá ir mais vezes aos dias de semana de tarde. Podem-se fazer lá mais conhecimentos como este... por intermedio de uma fingida admiração pelos cysnes.... porque foram os cysnes

a causa de tudo... taes elogios lhes fizemos que obrigamos a intrometter-se n'elles a papagueadora da tia. Anda d'ahi, estou com pressa de lhe pedir a benção...

MATHEUS. Para os teus amores com a sobrinha.

JAYME D'AVILEZ. Advinhaste. Vamos.

MATHEUS. Dize-me primeiro uma coisa.

JAYME D'AVILEZ. Digo... mas hade ser depressa.

MATHEUS. Se um dia reclamasse da tua parte qualquer protecção amorosa, poderia contar que m'a davas?

JAYME D'AVILEZ. Duvidal-o, é offender-me.

MATHEUS. Davas-m'a ainda que fosse para um affecto serio e puro.

JAYME D'AVILEZ. Mais uma razão para não hesitar.

MATHEUS. Pois bem, promettes-me que se eu realisar o que pretendes daquella rapariga, que tu hontem me disseste adorar; promettes-me contribuir para que eu alcance d'um anjo a felicidade da minha vida?

JAYME D'AVILEZ. Dizes-me isso d'um modo!...

MATHEUS. Que é devido á reclamação que faço.

JAYME D'AVILEZ. É o que me basta saber, e dou-te a minha palavra de cavalheiro.

MATHEUS. Vê lá o que fazes.

JAYME D'AVILEZ. Escuso de vêr, porque creio que a dei a outro cavalheiro. Agora, não te demores mais, anda.

MATHEUS. (*À parte.*) O pae está compromettido e

quanto á filha já me deu mais cuidado. (*Vão para sahir.*)

SCENA VI

OS MESMOS E LOURENÇO DA SILVA

LOURENÇO. (*Entrando.*) V. Ex.^a sáe.

JAYME D'AVILEZ. Sáio. Queria alguma cousa ?

LOURENÇO. Receber as suas ordens, e participarlhe que em consequencia do annuncio que V. Ex.^a mandou publicar no *Jornal do Commercio*, apresentou-se hoje no escriptorio um rapaz declarando que se julgava habilitado a preencher o lugar de secretario que V. Ex.^a offerencia no mesmo jornal.

JAYME D'AVILEZ. Mostrou-lhe as habilitações ? Julga-as acceitaveis e lisongeiras ?

LOURENÇO. Por emquanto, nada vi.

JAYME D'AVILEZ. N'esse caso, peço-lhe que as exija; e creia que merecem a minha approvação, se merecerem a sua. Sabe o conceito em que tenho a sua opinião. Tudo quanto fizer dou por bem feito.

LOURENÇO. Agradeço taes palavras, e penhoramente creia.

JAYME D'AVILEZ. Não ha palavras que valham nem recompensem vinte annos de provada amizade e verdadeira dedicação. (*Dando-lhe um abraço.*) Que seria de mim, que só sei gastar, se não tivera encontrado quem administrasse o que é meu, augmentando-lhe desinteressadamente os lucros? Deus deu-me d'isto (*Pondo a mão no coração.*) e muito; mas d'isto (*Levando a mão á cabeça.*) juizo... en-

viou-me o seu para lhe supprir a falta. Eis a razão porque tenho tudo e sou feliz.

MATHEUS. Olha que se faz tarde.

JAYME D'AVILEZ. Tens razão. (*Para Lourenço.*) Repito, se o rapaz lhe convier, convem-me egualmente.

LOURENÇO. Perdão; mas elle disse-me que desejava fallar a V. Ex.^a, acrescentando que só a V. Ex.^a daria explicações.

JAYME D'AVILEZ. Depois do que disse, bem vê que não posso satisfazer tal exigencia.

LOURENÇO. Peço-lhe eu que a satisfaça.

JAYME D'AVILEZ. Se o sr. Silva mostra empenho, está servido.

LOURENÇO. Sympathisei, confesso, com o rapaz; tem uma phisionomia aberta e franca... talvez seja mau, mas ía jurar que não é.

JAYME D'AVILEZ. Diga-lhe pois, que ás duas horas recebel-o-hei. (*Para Matheus.*) Concluiu-se o capitulo da amizade, vamos agora encetar o do amor. Aproveitemos o fogo da inspiração que começa a atear-se á luz vivificante da sonhada esperanza. Vamos. (*Sâem ambos pelo fundo.*)

SCENA VII

LOURENÇO, *depois* MATHILDE

LOURENÇO. Duas vezes somos creanças, é uso dizer-se; mas aquelle nunca deixou de o ser. Foi rapaz aos vinte annos, não o era menos aos trinta, continuou a sel-o aos quarenta, é-o ainda aos cin-

coenta e tantos e chegará aos setenta com eguaes aspirações; morre, estou certo, na impenitencia da criancice final, n'uma primavera eterna. Envelhece por fóra, mas desconfio que remoça por dentro. Ainda bem, porque assim leva esta vida, como se deve levar, a rir e a folgar. E é justo que ria e folgue, porque se é grande a leviandade é maior ainda a alma. Vem gente. É D. Mathilde. Que me quererá ella. Parece-me que adivinho.

MATHILDE. (*Entrando.*) Aposto que antes de eu fallar já sabe o que lhe quero e resmungo lá consigo alguma queixa contra mim.

LOURENÇO. De que e por que?

MATHILDE. Faça-se de novas, se é da sua vontade; mas não deixe de me apertar a mão, que o não é da minha.

LOURENÇO. (*Apertando-lhe a mão e beijando-lh'a.*) Accuse só o respeito que a amizade me faz esquecer.

MATHILDE. Mesmo quando a gratidão o prohihe.

LOURENÇO. Obrigado, menina, obrigado. Escusava ter-me dito isso, nem seu pae dizer-me o que me disse ind'agora, porque eu estou convencido de que n'esta affeição que por ambos professo não faço mais do que pagar uma divida. São a minha unica familia, é verdade; mas sei que tenho egualmente nos seus corações o logar d'ella. Que mais quero eu?

MATHILDE. Nada mais quer por que cifra na abnegação o seu viver. As noites que meu pae passa nos

divertimentos gasta-os o sr. Silva pensando nos meios que hade empregar para que a fortuna lh'os permitta e facilite. O mesmo é para mim ; em quanto eu danço n'um baile, attrahindo as attencões pelo luxo do meu vestuario, está talvez o sr. Silva encostado á carteira scismando nas transacções que hade fazer, para que eu possa sustentar em todos os seguintes egual opulencia. São coisas estas que meu pae vê, apesar da sua leviandade, e que eu reconheço apesar das minhas consideraveis despezas. E para aggravar a minha culpa; é exactamente na occasião em que chamo consideraveis ás minhas despezas, que lhe peço para me adeantar mais uma mezada do dinheiro que meu pae me dá para os meus alfinetes.

LOURENÇO. Mas já tem cinco mezes adeantados.

MATHILDE. Por isso mesmo; mais um não faz differença e completa o semestre.

LOURENÇO. Ai, a menina é os meus peccados.

MATHILDE. Talvez estes meus peccados resgatem outros.

LOURENÇO. Ainda hoje paguei uma conta de trezentos e tantos mil réis da modista e já precisa dinheiro para enfeites. Julgo que tem fato que chegava para pôr uma loja de modas.

SCENA VIII

OS MESMOS E UM CRIADO

CRIADO. A costureira da menina está lá fôra.

MATHILDE. Mande entrar. (*Sae o criado.*)

LOURENÇO. É talvez para ella o dinheiro da mezada. Vou pois buscar-lh'o. (*Sáe.*)

MATHILDE. É... e não é. Só eu e ella sabemos o destino.

SCENA IX

MATHILDE E CAROLINA

MATHILDE. (*Indo-lhe ao encontro.*) Já me tardava... Cuidei até que não vinha e hia mandal-a chamar.

CAROLINA. A impaciencia de V. Ex.^a não podia exceder a minha.

MATHILDE. Quem sabe?

CAROLINA. Sei eu. A amisade é exigente; mas o amor é egoista. Demorei-me, porque ao dever sacrificuei a vontade. Tive de esconder o que o coração me pedia, como sempre. É que só ha duas pessoas a quem possa confiar o que me vae dentro d'elle, e nenhuma d'ellas estava ao pé de mim.

MATHILDE. Elle e eu. E pôde fiar-se n'um e n'outro. Conte-me agora as novidades que teem occorrido?

CAROLINA. Ha só uma que valha a pena contar-se; mas essa val por todas. A sua realisação, era, disse-me elle, a felicidade da sua vida, e por esta rasão, a felicidade da minha.

MATHILDE. Diga-me, diga-m'a depressa.

CAROLINA. Foi um annuncio que hoje appareceu n'um jornal convidando a apresentar-se em casa de um homem rico qualquer rapaz que se julgasse

com habilitações para exercer o logar de secretario.

MATHILDE. E então aceitaram-o?

CAROLINA. Por ora, não sei. Prometteu dizer-m'ò logo.

MATHILDE. Tenho fé que hade realizar o seu desejo, e o nosso.

CAROLINA. Deus o queira. Ao menos socegará áquella alma que tão atribulada vive. Se não fôra eu, tem-m'ò dito muita vez, talvez já houvesse desesperado da existencia. Sentir-se moço, cheio de vigor e de intelligencia para trabalhar, e a fatalidade ou o destino negar-lhe o trabalho, e com o trabalho a independencia, que é tudo para o homem.

MATHILDE. Coitado! hade soffrer... e muito.

CAROLINA. Se soffre... mais ainda do que me diz, mas que eu sei, porque o affecto que lhe tenho, ensinou-me a lêr-lhe no coração. Soffre, da ociosidade em que passa os dias; soffre da descrença com que lucta durante as noites; soffre da esmôla que recebe...

MATHILDE. Esmôla!

CAROLINA. É o nome que elle dá a essa protecção occulta que esta mão (*Beijando a mão a Mathilde.*) caridosa lhe estende, e que só o meu amor e as minhas lagrimas obstaram que elle regeitasse...

MATHILDE. Mas continua a ignorar.

CAROLINA. E ha de ignoral-o sempre, senão...

MATHILDE. Senão?

CAROLINA. Morria de fome ou suicidava-se. Conheço-o. Se elle aceita aquella protecção, é porque julga que a origem donde procede pôde envergonhar alguém; mas não o envergonha a elle. Já m'o confessou. É o remorso, diz elle, que dá esmola á victima, julgando com isso expiar a culpa.

MATHILDE. Comprehendo... e é necessario conservar-o nessa illusão.

CAROLINA. Desilludil-o seria impossibilitar a continuação. É verdade que elle assegurou-me que no dia em que principiasse a ganhar, nunca mais receberia auxilio algum, e que, se teimassem em mandar-lh'o, entregal-o-hia a um estabelecimento de caridade.

MATHILDE. Nobre alma!

CAROLINA. Se é. Já vê que se o logar de secretario lhe fôr concedido nada mais lhe pôde continuar a fazer.

MATHILDE. Depois pensarei n'isso; agora, aqui tem. (*Dá-lhe um dinheiro.*) Entregue a sua tia que é a mezada de novembro, e diga-lhe que peço desculpa da demora, que foi involuntaria e será sem exemplo. Por este lado estou quite; falta-me o outro.

CAROLINA. Qual?

MATHILDE. O nosso. Diga-me quanto lhe devo.

CAROLINA. A mim!... nada.

MATHILDE. O que? pois não continua a reduzir a metade todas as contas que tem de lhe ser apre-

sentadas a elle, para eu pagar a differença, segundo convencionámos.

CAROLINA. De certo.

MATHILDE. Logo?...

CAROLINA. Recusará V. Ex.^a o prazer d'um sacrificio ao amor? Tem direito a elle, creio. Estreita-nos um laço, não mais santo, mas muito intimo,

MATHILDE. Talvez! (*Leve pausa; abraçando-a depois.*) São dignos um do outro. Mas, agora me lembra, e sua tia, tão exigente nos lucros do trabalho que a menina faz, como hade satisfazel-a ou contental-a?

CAROLINA. O amor pôde muito, pôde tudo, e tres ou quatro horas d uma noite perdida, resgatam bem a differença que poderia haver. Exija minha tia, de mim, só trabalho, que por mais violento e pezado que seja, não lh'ó recuso; mas lá no que diz respeito ao coração...

MATHILDE. Pois, ella...

CAROLINA. Tenho por ora presentimentos intimos, e desconfianças até certo ponto bem fundadas. Eu lhe conto. Conhece minha tia, e sabe que apesar dos seus quarenta annos, ainda é cheia de pretenções e morre por ser cortejada. Ora antehontem á tarde lembrou-se de ir passear comigo ao jardim da Estrella. O acaso e o genio metediço de minha tia, fez-nos travar conhecimento com dois sujeitos que lá andavam. Um d'elles dedicou-se todo a minha tia, e o outro, que era mais velho, mas apurado no vestuario e desenvolto nos modos como

qualquer rapaz, estabeleceu conversação comigo. Nada porém me disse, que me podesse offender; antes pelo contrario tratou-me com todo o respeito. Até aqui, não houve motivo para desconfiar; mas esta manhã, depois de minha tia sahir, ouvi bater á porta, fui ver quem era e deparei com o tal sujeito mais moço. Disse-lhe que minha tia não estava em casa, e elle retirou-se. Em seguida voltou minha tia, e participando-lhe eu da visita, ficou muito contente, e começou então a dar-me uns taes conselhos e a fazer-me uns elogios do tal velho que tinha estado a conversar comigo, que me levaram a desconfiar...

MATHILDE. Que se dispunha a casar-a com elle.

CAROLINA. Eu sei !...

MATHILDE. Faz-me rir o tal projecto.

JAYME D'AVILEZ. (*Dentro.*) Diga ao sr. Lourenço que já voltei e que o espero no gabinete.

MATHILDE. É meu pae. (*A Carolina.*) Retiremos d'aqui. Lá no meu quarto me contará o resto. (*Saem pela esquerda.*)

SCENA X

JAYME D'AVILEZ. (*Só.*)

JAYME D'AVILEZ. O negocio lá ficou meio encaminhado. Em eu me mettendo nas coisas é dito e feito. Isto cá não é só de palavras, apresenta obras. Faço mais a dormir que a maioria d'esses rapazes acordados. Não se lhe perde partido em coisa al-

guma. (*Mirando-se ao espelho.*) E a prova vê-se: o que este (*Apontando para o espelho.*) me diz, dizem-n'ó lá comsigo as mulheres. A proposito de mulheres, ha muito tempo que não vêjo uma doutora como a tal senhora tia! Ahi vem Lourenço e talvez com o rapaz.

SCENA XI

JAYME D'AVILEZ, JAYME, LOURENÇO

LOURENÇO. (*Seguido de Jayme.*) É este sr. quem pretende o logar de secretario que V. Ex.^a offereceu no annuncio que mandou publicar. (*Jayme cumprimenta.*)

JAYME D'AVILEZ. (*Olhando para elle. À parte.*) Tem uma physionomia sympathica. (*Alto.*) Disse-me o meu administrador que V. S.^a desejava falar-me, e ainda que para o acceitar para meu secretario bastava merecer-lhe a approvação, annui todavia ao empenho que V. S.^a mostrou a rogos d'elle.

JAYME. (*A Lourenço.*) Vejo que além da benevolencia com que me acolheu, tenho egualmente a agradecer-lhe o interesse que por mim mostrou.

LOURENÇO. Foi tão espontaneo como sincero, creia. Agora que já o apresentei a V. Ex.^a, peço licença para me retirar.

JAYME. E eu pedia-lhe que ficasse. É talvez o primeiro homem que, n'este mundo tomou interesse por mim... É pois justo que esteja presente no momento em que vou abrir inteiro o coração. Conto assim com outro para o escutar. (*Apertando a mão*

a Lourenço; volta-se depois para Jayme d'Avilez.)
Reclamo de V. Ex.^a mais este favor.

JAYME D'AVILEZ. Penhora-me até conceder-lh'o.
(*Senta-se n'uma poltrona á esquerda, e diz á parte.*) Não sei porque, mas sinto que me impressionam as palavras d'este rapaz. (*Jayme d'Avilez está sentado na poltrona; Jayme no centro da scena de pé; e Lourenço igualmente de pé do outro lado.*)

LOURENÇO. (*Á parte.*) Suspeito que é desgraçado porque me vae ao coração o que diz.

JAYME. (*Dirigindo-se a Jayme d'Avilez.*) Pedi a V. Ex.^a esta entrevista porque só n'ella podia cifrar a realisação da minha esperança, que é talvez a derradeira. As minhas credenciaes são a minha palavra, e a confiança que ella possa merecer. Tenho escondido a minha vida como esconderam o meu berço. Se houve alguém que se envergonhasse d'este, como não heide eu envergonhar-me daquella. O que o berço dá a cova o tira, diz o rifão; e a mim deu-me a vergonha.

LOURENÇO. Alheia.

JAYME. Que peza sobre mim, aggravada pelas consequencias. Bem veem que estou só no mundo e que só comigo posso contar. Amigos que me estimem, não os tenho, porque sou pobre; que me abonem ou respondam por mim, ainda menos, porque sou desgraçado, e os desgraçados quando não despertam medo, apenas inspiram dó.

JAYME D'AVILEZ. (*Á parte.*) O demonio do rapaz

principia a intristecer-me. (*Alto.*) Não faça este mundo peor do que é. Creia que ainda ha muita gente que respeita a desgraça. Mas diga-me, ficando orphão, houve por força alguem que tomou conta do senhor e que lhe deu educação?

JAYME. (*Commovido.*) Houve... a outra victima. Minha mãe! minha boa e santa mãe!

JAYME D'AVILEZ. E vive ainda?

JAYME. Morreu... faz depois de amanhã quatro annos.

JAYME D'AVILEZ. E nunca lhe disse o nome de seu pae.

JAYME. Nunca.

JAYME D'AVILEZ. Nem sabe se ainda existe.

JAYME. Não sei, nem quero saber. Lembra-me sempre o que me disse minha mãe a primeira vez que lhe perguntei por elle, e que foi a ultima: «esse homem morreu para mim no dia em que tu nasceste.»

LOURENÇO. E era justiça.

JAYME. E a minha mãe, só a minha mãe, devo tudo; vida, educação e conselhos. Era pobre e trabalhava dia e noite para mim, orvalhando-me o rosto de lagrimas quando me via padecer, cobrindo-m'o de beijos quando me via sorrir. Mais tarde quando de criança me tornei homem achei no seu coração refugio para as minhas dores e conforto para as minhas descrenças. Comecei então a ajudal-a, empregando-me como escrevente em casa de um tabellião. Podem calcular os lucros que d'ali

tirava, mas juntos com os que minha extremosa mãe fazia pelos seus bordados, chegavam para vivermos muito mediocrementemente, mas ao menos viviamos independentes.

JAYME D'AVILEZ. E agora que a não tem a seu lado... e que lhe falta o seu auxilio...

JAYME. Agora... (*Pequena pausa.*) Custa-me revelar, mas nada lhe quero esconder. Agora, vae para dois annos recebo occultamente a protecção d'alguem, protecção que eu nunca haveria accettato se as lagrimas e as supplicas d'um anjo me não obrigassem a ceder.

JAYME D'AVILEZ. D'um anjo... quer dizer, d'uma mulher a quem adora... é sempre anjo a mulher que se adora.

JAYME. Para que hei-de negal-o?

JAYME D'AVILEZ. (*Á parte.*) Logo vi que este rapaz tinha por força alguma paixão amorosa... Ha lá coração bem formado que não ame... e muito... eu que o diga.

JAYME. E é para poder regeitar essa protecção que me empenho deveras em que V. Ex.^a se digne aceitar-me para seu secretario... fico então desligado da promessa que fiz.

LOURENÇO. E que razão tem para sacrificar uma protecção que lhe é devida, se é que dimana da origem que eu supponho e que V. S.^a de certo supõe?

JAYME. Que razão?! Pois não a advinha. É justo que o homem que me humilhou deante do mun-

do, me rebaixe ainda na sombra com a esmola? Priva-me do nome que me devia e julga resgatar a divida a troco de dinheiro? Bem sei que se compra um titulo para enganar o mundo, mas não se inventa um nome para illudir a consciencia? E esta ensinou-me a tel-a, minha santa mãe! Renega-se um filho e ha ainda depois alma para o tratar como um mendigo! Porém se elle nunca me deitou a benção, que é pois de admirar que me arroje com oiro? Vê-se n'isto que conhece os homens, mas ignora o que é ser pai. Sabe agora a razão? Julga-a sufficiente?

LOURENÇO. Julgo sim... mas não se afflija mais... se eu soubesse...

JAYME. Foi uma exaltação involuntaria que tive e de que me cumpre pedir mil desculpas... Passou já... e não tornará a repetir-se.

JAYME DE AVILEZ. (*Aproximando-se de Lourenço. Baixo.*) Eu por minha vontade ficava com o rapaz... tem bons sentimentos e está namorado... tudo condições favoraveis.

LOURENÇO. (*O mesmo.*) Eu confesso que estimava bastante que o aceitasse.

JORGE D'AVILEZ. (*O mesmo.*) Nem pôde ser regeitado... tem maioria absoluta.

JAYME. Tudo quanto tinha a dizer, disse-o francamente. A minha unica recommendação é o que acabam de ouvir... agora espero a decisão de V. Ex.^a

JAYME D'AVILEZ. Decido que o nomeio meu secretario.

JAYME. Será possível! Asseguro-lhe que hei de provar a minha gratidão...

JAYME DE AVILEZ. Cumprindo os seus deveres, tenho essa certeza. Não fallemos mais n'isso. Agora diga-me o seu nome?

JAYME. Jayme.

JAYME D'AVILEZ. O que?

JAYME. Jayme.

JAYME DE AVILEZ. Jayme, de que?

JAYME. (*Com tristeza.*) Mais nada. V. Ex.^a esqueceu-se já...

JAYME D'AVILEZ. Ah! sim... é verdade, queira perdoar. (*Á parte.*) É exquisito ter o meu nome, que não é um nome vulgar. Sáfa! Se não fosse a tal protecção que eu sei que não dou... Nos meus tempos tive tantos amores... Ora adeus! talvez seja filho de algum dos meus amigos... todas as amantes que lhes conheci tinham predilecção por mim e pelo meu nome. Mas de qual será? Vão lá adivinhar. Se quasi todas ellas morriam por mim.

LOURENÇO. Parece-me que já não sou aqui necessario, e peço licença a V. Ex.^a para voltar para o meu trabalho.

JAYME DE AVILEZ. Escusava pedir-me licença porque a tem para tudo que quizer n'esta casa.

LOURENÇO. Queira desculpar, mas são costumes velhos... e estes nunca se perdem. (*Sáe pelo fundo.*)

SCENA XII

JAYME D'AVILEZ E JAYME

JAYME. E de mim que ordena V. Ex.^a

JAYME D'AVILEZ. Que dedique o resto do dia de hoje aos seus amores e que venha amanhã principiar a exercer o seu novo lugar.

JAYME. Não sei realmente como possa justificar tanta bondade e tamanho interesse. Minha mãe hade inspirar-me lá de cima. (*Cumprimentando.*) Um creado de V. Ex.^a (*No momento em que Jayme se dirige para o fundo, apparece Mathilde seguida de Carolina que o vê ; Jayme d'Avilez tem-se dirigido para o lado opposto da scena em frente da porta donde saem as duas e no momento em que se volta, vê Carolina.*)

SCENA XIII

OS MESMOS, MATHILDE E CAROLINA.

MATHILDE. (*Vendo Jayme.*) É elle?JAYME D'AVILEZ. (*Voltando-se.*) Heim? (*Vendo Carolina.*) É ella!MATHILDE. (*Ouvindo a voz do pae estremece e dirige-se a elle.*) O que diz?

JAYME D'AVILEZ. Nada... nada.

CAROLINA. (*Encontrando-se ao fundo com Jayme a quem os gritos dos dois fizeram voltar a cabeça.*) Ah!JAYME. (*Vendo Carolina.*) Oh!

JAYME D'AVILEZ E MATHILDE. (*Ouvindo os dois gritos voltam-se insensivelmente.*) O que foi?

(*Carolina e Jayme disfarçam envergonhados, aquella sahindo adeante, este inclinando-se para a deixar passar.*)

MATHILDE. (*Áparte.*) Que significará tudo isto?

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Aqui anda por força mais ou menos; mas calluda para honra da firma. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Uma sala modesta e singelamente mobilada.
Portas lateraes e no fundo.

SCENA I

CAROLINA (*Sentada do lado direito da scena
cozendo.*) depois JAYME.

CAROLINA. «Parece-me que realisei a minha esperanza. Sou feliz.» Foram as palavras que ouvi hontem a Jayme quando sahi de casa da nossa bem-feitora. Que mais quero eu? Só me resta agradecer a Deus que me ouviu, e se compadeceu d'elle! Para esperar é necessario crer, e eu sempre cri, e creio na sua infinita misericordia. (*Abre-se a primeira porta do lado esquerdo.*) Vou finalmente vel-o!... Muito custou a chegar este momento. (*Indo-lhe ao encontro.*) Jayme!

JAYME. Carolina! Estás só?

CAROLINA. Estou. Minha tia sahiu.

JAYME. Ainda bem. Precisava hoje fallar-te.

CAROLINA. Tem muita coisa para me dizer?

JAYME. Tenho, porque hoje principia para mim uma nova vida.

CAROLINA. Em tudo?

JAYME. Excepto para o coração. Contrahi obrigações que heide religiosamente cumprir, e cumprindo-as espero tornar-me independente, que tem sido e é, como sabe, o sonho doirado da minha existencia. Desejava realisal-o, não só porque o meu brio como homem reclamava essa independencia; mas porque poupava igualmente uma vergonha íntima. Sabes a que alludo?

CAROLINA. Sei.

JAYME. Digo vergonha íntima, porque o é só para a minha consciencia, e a minha Carolina sabe que mesmo n'esta não pezaria se o amor não a tivesse vencido. Do mundo não precisava escondel-a, por que esse nem sabe que existo, e quando soubesse é tal a minha obscuridade que não lhe merecia a pena indagar do que vivia. E demais lá julga-se unicamente pelas apparencias. Conheço-o, apezar de viver longe d'elle. Ali são apenas consideradas e discutidas tres classes de homens; a que domina pelo dinheiro, a que brilha pela intelligencia e a que vive do orçamento; uma pelo que ostenta, a outra pelo que val e a ultima pelo que disfructa. Ora eu nem sou rico para promover a curiosidade,

nem tenho talento para despertar invejas, nem exerceo logar que outros possam cobiçar para si. Estou portanto ao abrigo das discussões sociaes.

CAROLINA. Felizmente.

JAYME. E podia impunemente aproveitar todos os meios pecuniarios que o acaso ou a fortuna me deparassem. Mas não quero. Que me importava o mundo ignoral-o, se eu o sabia, e minha mãe o via! Minha santa mãe! Devo cumprir-lhe as vontades para lhe respeitar a memoria. Bem vê que preciso hoje desligar-me da promessa que lhe fiz, uma vez que chegou a occasião entre nós ajustada.

CAROLINA. Quando eu não soubesse, que sei, cumprir as minhas promessas, tinha-me ensinado, cumprindo a sua. Está desligado.

JAYME. (*Beijando-lhe a mão.*) Obrigado, obrigado. Não imagina o bem que me fez... sinto-me outro... sinto-me livre...

CAROLINA. Outro!... Livre!

JAYME. Outro, na minha consciencia; livre nas minhas aspirações; o mesmo porém, sempre o mesmo no meu amor. (*Agarrando-lhe as mãos.*)

CAROLINA, Devêras, Jayme?

JAYME. Sabe que eu sou homem para só dizer o que sinto. E creia que o coração sente mais do que digo, mas o que me vae nelle não posso traduzil-o. Provas dou-lhe as que exigir; palavras faltam-me. Disse-lhe que havia de ser minha mulher, e hade sel-o.

CAROLINA. Nunca o duvidei, Jayme; acredite.

JAYME. Acredito. Promette agora revelar-me um segredo?

CAROLINA. Um segredo! Tenho eu por ventura algum?

JAYME. Tem.

CAROLINA. Meu... de certo que não.

JAYME. Mas d'outro que guarda para mim.

CAROLINA. Tambem não.

JAYME. E se eu lhe provar que sim, diz-m'o?

CAROLINA. Se m'o provar, digo.

JAYME. Diga-me então, hoje que termina a tal protecção, quem lhe entregava o dinheiro?

CAROLINA. Bem dizia eu que nem o segredo d'outro tinha. (*Áparte.*) E não que era d'outra. (*Alto.*) Repito-lhe o que sempre disse, nunca pessoa alguma veio entregar esse dinheiro. Mandavam-no fechado n'uma carta, como sempre o recebeu.

JAYME. Mas o criado que a trazia podia haver declarado...

CAROLINA. Se nunca lh'o perguntaram.

JAYME. E vinha sempre quando eu não estava em casa... se o tivesse encontrado alguma vez, tinha-o seguido.

CAROLINA. (*Áparte.*) Esse medo nunca eu tive.

JAYME. É verdade, e eu que ainda lhe não perguntei por aquelle inesperado encontro de hontem. Como se achava n'aquella casa?

CAROLINA. É a casa da minha melhor fregueza.

JAYME. Singular coincidência. E é mulher ou filha do meu novo patrão?

CAROLINA. Filha.

JAYME. Hontem não tive tempo de me afirmar, mas pareceu-me que conhecia aquella senhora... talvez a visse aqui.

CAROLINA. Mais d'uma vez. (*Olhando para a porta do fundo.*) Sinto pãssos. Hade ser minha tia.

JAYME. Chegou quando devia chegar, porque são horas de eu ir tomar conta do meu novo logar.

CAROLINA. Silencio que ella ahi vem. Finja que ia sabir. (*Jayme dirige-se para a porta do fundo que abre e á qual apparece D. Rosalia.*)

SCENA II

OS MESMOS E D. ROSALIA

(*D. ROSALIA traz um vestido de pouco valor, mas de cõr clara e exagerado na moda.*)

JAYME. Estava longe de receber agora esta agradavel surpresa.

D. ROSALIA. Nunca o vi tão amavel, nem tão ri-sonho! Ha perto de tres annos que vive em minha casa e é a primeira vez que me mostra um rosto alegre. Ainda bem... mais val tarde...

JAYME. Que nunca, é tambem o que eu penso.

D. ROSALIA. Chamava-lhe até, o cara de finados.

JAYME. Muito agradecido.

D. ROSALIA. Que quer? A culpa foi sua. A gente vê caras e não vê corações.

JAYME. Diz bem.

D. ROSALIA. Um rapaz na sua idade, e que tem quem olhe e se interessê por elle...

JAYME. E se fosse por isso mesmo?

D. ROSALIA. Era caso novo, mas como o mundo é cheio de disparates! O que eu lhe digo é que fez bem em mudar. Tivesse lá as razões que tivesse... tristezas não pagam dividas. Eu cá penso assim.

JAYME. E faz muito bem. Agora dê-me licença.

D. ROSALIA. Sâe?

JAYME. Saio. (*Sâe pelo fundo.*)

CAROLINA. (*Áparte.*) Não se intendem um ao outro, e não admira? Os pensares são tão diversos.

SCENA III

D. ROSALIA E CAROLINA

D. ROSALIA. Que estás a fazer, Carolina?

CAROLINA. Acabando de bordar este cabeção para a sr.^a D. Mathilde.

D. ROSALIA. Isso não é de muita pressa. Pódes descansar hoje; tens trabalhado tanto estes dias! E demais preciso conversar contigo.

CAROLINA. (*Áparte.*) Extranho e assusta-me tamanha bondade. (*Alto.*) A tia pode conversar que eu ouço, sem para isso ser necessario largar o meu trabalho.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Preciso affagal-a para mais facilmente conseguir o que quero. Convem principiar a dispol-a favoravelmente. (*Alto, chegando-se a ella e acariciando-a.*) Nada, não quero. É muito trabalhar. Receio que te faça mal e não quero encargos de consciencia. Eu cá penso assim.

CAROLINA. (*Áparte.*) Pensa assim pela primeira

vez. (*Alto, largando o bordado.*) Se é da sua vontade.

D. ROSALIA. Bonita rapariga! Assim é que eu gosto de a vêr. Condescendente com a sua tia, que é muito sua amiga, e só quer o seu bem. E agora reparo que estás bonita em tudo... vaes-te fazendo uma linda rapariguinha... e muito airosa de corpo.

CAROLINA. (*Áparte.*) Sempre me deu a intender que era feia e dizia-me que não tinha elegancia alguma. (*Alto.*) Isso é dos seus olhos minha tia.

D. ROSALIA. Dos meus e dos de mais alguém. Mas como tu estás vestida! Esse vestido é tão escuro e já tão fóra da moda. Hasde logo mudal-o.

CAROLINA. Para que?

D. ROSALIA. E escolhe algum claro.

CAROLINA. Bem sabe que não tenho. É uma exigencia da tia (*Áparte.*) para eu não parecer bem ao pé d'ella.

D. ROSALIA. Era, era, mas já não é. Podiam dizer que era pretensão da minha parte, vendo-me sempre de claro e a ti de escuro.

CAROLINA. (*Áparte.*) E diziam a verdade.

D. ROSALIA. E bem conheces que era uma injustiça. Eu bem sei que tu és uma menina e eu sou uma senhora. Tu estás no verdor da idade e eu no vigor d'ella. Eu cá penso assim. E cumpre-me tomar agora contigo, não digo o lugar de mãe, porque nunca o fui, mas o de irmã mais velha, que é o que me compete.

CAROLINA. E todos desconfiam que é minha irmã

quando nos vêem juntas. (*Áparte.*) Aposto que o toma a sério.

D. ROSALIA. E dão-me seis ou sete annos... de differença... tambem pouco mais ha.

CAROLINA. (*Áparte.*) Mais quatorze... pelo menos.

D. ROSALIA. Pois bem, tomando o logar de tua irmã mais velha, digo-te que deves pensar no teu futuro, uma vez que te não destinas, segundo creio, para freira. Logo que te appareça algum pretendente que esteja no caso de fazer a tua independencia, deves aproveitá-lo. Eu cá penso assim... Olha, minha Carolina que os annos passam e depois...

CAROLINA. Posso ainda esperar, estou muito nova.

D. ROSALIA. Estás, é verdade, mas nestas coisas não convem desperdiçar occasião...

CAROLINA. Mas a tia não teve pressa... e a prova.

D. ROSALIA. Eu cá foi por causa da escolha... eram tantos que não sabia qual preferir. Hoje quasi que me arrependo de não ter escolhido.

CAROLINA. Pois eu quero seguir o exemplo da tia... quero escolher.

D. ROSALIA. Deixa-te disso e segue o meu conselho que é mais acertado que o meu exemplo. E não te importe que seja velho ou rapaz, uma vez que seja rico. Os rapazes são bons para namorados mas não prestam para maridos. Eu cá penso assim. A estima dos velhos é duravel em quanto que o amor dos rapazes é passageiro. Fia-te no que te digo.

CAROLINA. Por ora não penso n'isso. (*Tirando da algibeira um dinheiro.*) Ah! é verdade... aqui es-

tá a mezada de novembro do sr. Jayme, e a pessoa que sabe, manda-lhe pedir desculpa da demora.

D. ROSALIA. (*Guardando o dinheiro.*) Aqui tens tu o lucro que se tira d'uma paixão por um rapaz. Serve para uma mulher fazer grandes sacrificios, comprometter-se muita vez...

CAROLINA. Mas D. Mathilde não está comprometida...

D. ROSALIA. Não está, porque deu comigo, senão... E além d'isso, nem todas tem a felicidade, como ella, de poder assim callar uma paixão... porque lá isso é verdade, se não fosse eu saber da tal protecção, nunca teria adivinhado que o amava... ninguém fingia melhor deante d'elle. As poucas vezes que o tem aqui encontrado, mostra-lhe tanta indiferença, que tornava impossivel a suspeita ao mais prespicaz curioso. Mas que espera ella!

CAROLINA. Espera que elle alcance uma posição independente para então se lhe revelar.

D. ROSALIA. Tem que esperar, e val a pena. (*Batem á porta do fundo.*) Bateram.

CAROLINA. Eu vou vêr quem é. (*Vae abrir a porta á qual apparece Matheus.*)

SCENA IV

OS MESMOS E MATHEUS

MATHEUS. (*Da porta.*) Dá licença sr.^a D. Rosalia?

D. ROSALIA. Ah! é V. S.^a Pois não, queira entrar.

MATHEUS. (*Cumprimentando Carolina que lhe corresponde.*) Minha senhora.

D. ROSALIA. Vem só?

MATHEUS. Agora venho... (*Olhando para Carolina.*) infelizmente para alguém.

CAROLINA. (*Áparte*) Olhou para mim! Que significará isto?

D. ROSALIA. Pois esse alguém fez mal, porque a ocasião era excelente.

MATHEUS. Tanto pior para o meu amigo. Confessarei todavia que a culpa não foi d'elle, mas só minha, que o não avisei de que vinha fazer esta visita.

D. ROSALIA. E porque o não avisou?

MATHEUS. Porque tinha que fallar em particular com a sr.^a D. Rosalia.

CAROLINA. Se minha tia dá licença aproveitarei a ocasião para ir levar um vestido a uma das minhas freguezas.

MATHEUS. (*Baixo a D. Rosalia.*) Deixe-a ir. É conveniente que ninguém possa ouvir a nossa conversação.

D. ROSALIA. Pois, vae; mas não te demores.

CAROLINA. Fique descansada. (*Áparte.*) Vou contar immediatamente tudo a D. Mathilde. Presagiame o coração que trabalham para a minha desgraça.

(*Carolina põe um chapéu que estava ao fundo e sae.*)

SCENA V

D. ROSALIA E MATHEUS

MATHEUS. (*Áparte.*) Lembrou-me convidal-a para

parceira n'este jogo, porque não é mulher de escrupulos, segundo tenho observado.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Agrada-me este mysterio. Vem talvez propor-me casamento.

MATHEUS. (*Áparte.*) Será todavia conveniente usar d'alguns rodeios. (*Alto.*) A sr.^a D. Rosalia estranhou de certo o pedido que tomei a liberdade de lhe fazer?

D. ROSALIA. Surprehendeu-me, no momento, confesso... mas depois pensando melhor (*Baixando os olhos com pretensão e pavoneando-se toda.*) advinhei o motivo e...

MATHEUS. E?

D. ROSALIA. E louvei o seu procedimento porque o comprehendí.

MATHEUS. Comprehendeu-me!

D. ROSALIA. Admira-se? Julga-me então insensível?

MATHEUS. (*Áparte.*) Mau, mau, que a mulher sonha amores e a questão é de interesses. (*Alto.*) Não diga tal! Julgal-a insensível, eu? Insensível a sr.^a D. Rosalia!

D. ROSALIA. (*Muito enthusiasmada e pretenciosa.*) Seria não ter coração!

MATHEUS. E eu tenho, tenho muito — demais.

D. ROSALIA. Demais nunca é, nunca. Eu cá penso assim.

MATHEUS. E eu penso o contrario. (*Áparte.*) Deu corda para se inforçar; agora o laço fica por minha conta. (*Com fingido sentimento.*) Oh! D. Rosalia! o coração...

D. ROSALIA. O que tem o coração?

MATHEUS. É a minha desgraça! é o meu algoz! e hade ser a minha perdição!

D. ROSALIA. Porque? Jesus! Assusta-me!

MATHEUS. Porque! Não queira sabel-o porque eu só de pensal-o, estremeço todo. Veja.

D. ROSALIA. O que? nada vejo.

MATHEUS. (*Levando a mão de Rosalia ao coração.*) Nem sente.

D. ROSALIA. Ai! que me faz doer a mão.

MATHEUS. Tal é a força com que elle bate.

D. ROSALIA. (*Esfregando a mão.*) Apertou-m'a tanto!

MATHEUS. Illusão D. Rosalia! é que confunde as sensações.

D. ROSALIA. Talvez; mas ia jurar...

MATHEUS. Que a amo, e jurava bem.

D. ROSALIA. Que diz?

MATHEUS. A verdade.

D. ROSALIA. E accusa por isso o coração? Não sente que lhê correspondo igualmente.

MATHEUS. (*Áparte.*) Se fosse igualmente não me dava cuidado. (*Alto.*) Sinto.

D. ROSALIA. Então que motivo ha para desesperar?

MATHEUS. Que motivo? O peor de todos, o unico que a vontade humana não vence.

D. ROSALIA. Explique-m'o, porque não atino qual seja.

MATHEUS. O motivo, é a fatalidade que persegue

a minha vida. Cifrava n'este affecto a minha ventura na terra e... não posso realisal-a.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Ai! que lá perco tambem este quando mais seguro o julgava. (*Alto.*) Mas diga-me, diga-me, qual é o obstaculo?

MATHEUS. Vou dizer-lhe tudo, porque só do seu amor posso esperar salvação, e se m'ó tem deveras hade ajudar-me a conseguil-a.

D. ROSALIA. A minha vida por ella. Eu cá penso assim, quando amo devêras.

MATHEUS. (*Áparte.*) Vê-se que tem amado muito... deveras. (*Alto.*) Basta que D. Rosalia se resigne, como eu me resigno, a sacrificar o amor da amante á amizade d'uma irmã, para não só me salvar, mas talvez, quem sabe, para assegurar a sua felicidade no futuro.

D. ROSALIA. Não o intendo.

MATHEUS. Já me vae entender. (*Áparte.*) A velharia dizem que dá eloquencia. Experimentemos. (*Alto.*) Aposto que me julga rico, feliz e independente? É natural. O meu exterior assim o denuncia. Este fato com que represento no mundo, engana a multidão que passa na rua, como os europeis a illudem no theatro. Lá é uma conveniencia da scena, cá fóra é uma conveniencia da vida. O cotão nas algibeiras d'um colete de veludo inspira mais confiança do que o dinheiro n'um de briche. Por isso o homem que usa d'este nunca pede fiado em quanto que o outro raras vezes paga á vista. Eu, D. Rosalia, usei, infelizmente, sempre de collete de ve-

ludo, e abusei tanto d'elle, que os mais credulos tornaram-se incredulos, ensinados como foram pelo tempo da verdade do rifão que diz: nem tudo o que luz é oiro.

D. ROSALIA. E não. Eu que o diga.

MATHEUS. Estou portanto n'uma situação suprema. Só me restam dois meios de sahir d'ella; o suicidio. . .

D. ROSALIA. Jesus!

MATHEUS. Ou um casamento vantajoso.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Este segundo meio tambem me convinha, apezar de nunca haver pensado em matar-me.

MATHEUS. Terei de recorrer ao primeiro se D. Rosalia me não facilitar o segundo.

D. ROSALIA. Eu!

MATHEUS. Tem a minlia vida nas suas mãos. Dizem que o amor promove actos heroicos. Prove-m'ó D. Rosalia. Eleve-se á altura d'essas mulheres excepcionaes, que de seculos a seculos apparecem, e que os poetas cantam, os prosadores descrevem e o resto dos homens admiram. Se as iguala na belleza imite-as na abnegação. (*Áparte.*) Isto hade lisongear-a... como toda a mentira.

D. ROSALIA. (*Enthusiasmada.*) Heide provar-lhe que sou uma heroína e que valho tanto como ellas.

MATHEUS. (*Áparte.*) O que disse eu? cahiu. (*Alto.*) D. Rosalia, tinha sonhado que a sua alma era a de uma antiga matrona romana... e não me enganei.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Enganei-me eu, que o jul-

gava um ricaço. Para um valdevinos sobra-me do tal heroísmo. (*Alto.*) Diga o que quer? estou prompta a sacrificar-me pelo sr.

MATHEUS. (*Mudando de tom.*) N'esse caso oiça e verá que o sacrificio não fica sem recompensa. Faz um sacrificio pequeno, já que lhe deu esse nome, e ganha, talvez, um beneficio... grande. É melhor banir o disfarce, e fallar sem mascara. Entre nós, pôde haver franqueza. Rezamos pelo mesmo breviario e aspiramos, de certo, ao mesmo fim. «Quanto tens quanto vales», é uma maxima muito velha, mas que o mundo até hoje ainda não desmentiu. Ora a sr.^a D. Rosalia, acredita assim como eu na tal maxima e por isso, deseja haver, como eu igualmente, o mais que poder...

D. ROSALIA. Desgraçadamente o mundo tem-me feito pensar assim. (*Áparte.*) Que grande tratante que elle me sahiu.

MATHEUS. Logo, bem vê que pensamos do mesmo modo, e é provavel que tenhamos eguaes melindres nos meios de alcançar o tal valimento. Confiando portanto n'esta segunda parte, vou dizer-lhe o negocio em poucas palavras, e espero que a sr.^a D. Rosalia, vendo as favoraveis disposições que apresenta, não duvidará associar-se a mim para a sua completa realisação, promettendo-lhe desde já um quinhão valioso no lucro.

D. ROSALIA. Vamos lá a saber o negocio.

MATHEUS. O negocio, é um casamento: o meu.

D. ROSALIA. Com quem?

MATHEUS. Com a filha de um homem rico, viuvo e do conhecimento da sr.^a D. Rosalia.

D. ROSALIA. É o seu amigo, aposto?

MATHEUS. Exactamente.

D. ROSALIA. E o que heide eu fazer para elle o casar com a filha?

MATHEUS. Facilitar-lhe os amores com sua sobrinha.

D. ROSALIA. E elle casará com ella?

MATHEUS. Que duvida! O caso é saber esperar... n'aquellas idades as paixões levam um homem a tudo.

D. ROSALIA. E basta minha sobrinha aceitar o seu amigo, para o sr. obter a filha em casamento?

MATHEUS. Não basta, mas favorece muito. D. Jayme, é homem de palavra, e hade empenhar-se em cumprir a que hoje me deu.

D. ROSALIA. Jayme! Chama-se Jayme, o seu amigo?

MATHEUS. Jayme d'Avilez.

D. ROSALIA. (*Desatando uma gargalhada.*) Ah! ah! ah! e é com a filha d'elle que o sr. pretende casar? ah! ah! ah!

MATHEUS. Que riso é esse, explique-m'ó.

D. ROSALIA. (*O mesmo.*) Ah! ah! ah! pois eu não heide rir!... D. Mathilde casar-se com outro que não seja?... ah! ah! ah!

MATHEUS. Que não seja?... quem? quem é o outro?

D. ROSALIA. Não lhe diga. É segredo.

MATHEUS. Menos para mim. Depois de associados

não pôde havel-o entre nós. Preciso saber tudo, porque tudo nos pôde servir. Lembre-se, D. Rosalia, que ha toda a conveniencia em ficarmos amigos. Mostrámos os rostos sem mascara um ao outro.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) É verdade, como ambos se reconheceram velhacos, nenhum se acautelou.

MATHEUS. E nenhum delles ganha em ser conhecido. N'esse segredo, talvez esteja a nossa fortuna.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Que remedio senão dizer-lh'o. É tão tratante, que tenho devêras medo delle. (*Alto.*) Assegura-me grande sigillo?

MATHEUS. Asseguro, excepto para realisar os nossos designios.

D. ROSALIA. Sendo assim, escute. Disse-lhe hontem, creio, que hospedava um rapaz em minha casa?

MATHEUS. Disse.

D. ROSALIA. E que era protegido por uma rapariga?

MATHEUS. Adivinho o resto. Obrigado. Estamos ricos. São esses amores mysteriosos que hão de fazer o meu casamento. O silencio compra-se em taes casos á custa dos maiores sacrificios... (*Batem á porta.*) Quem será?

D. ROSALIA. Silencio. Ha de ser minha sobrinha. (*Vae abrir a porta do fundo, á qual apparece Jayme d'Avilez.*)

SCENA VI

OS MESMOS E JAYME D'AVILEZ

D. ROSALIA. Não podia chegar mais a proposito. Fallavamos a seu respeito. (*Olhando com intenção para Matheus.*)

JAYME. E o que diziam, mal ou bem?

D. ROSALIA. Nem mal nem bem. Era o seu amigo que me estava dizendo, e provando, a estima que professa por V. Ex.^a, e a sincera e *desinteressada* amizade que lhe consagra.

MATHEUS. (*Áparte.*) Que ladina! Zomba comigo.

JAYME D'AVILEZ. Sei o que lhe mereço. Ha poucos amigos como este, hoje em dia.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Como aquelle não faltam. Encontram-se a cada esquina.

JAYME D'AVILEZ. Ainda que nesta occasião tinha motivo para duvidar d'elle.

MATHEUS. Não me accusa a consciencia.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Podéra. Se é coisa que não tem.

JAYME D'AVILEZ. Pois olha que tens de que. É já segunda visita que fazes á senhora D. Rosalia, sem me avisares para te acompanhar. Desconfio qual seja a razão... (*Olhando maliciosamente para ambos.*) E é o que vale para te perdoar. Tens ciumes, hein? (*D. Rosalia olha significativamente para elle.*) (*Áparte.*) E ainda agora reparo nos olhos que ella me deita... Nenhuma me resiste, está visto.

D. ROSALIA. (*Para Jayme.*) E é verdade, não imagina os ciumes que elle tem de V. Ex.^a! Já ainda agora m'o deu a entender... e o caso é para isso... V. Ex.^a inspira tanta sympathia, logo á primeira vista...

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) É o que eu digo. Pobre Matheus!

MATHEUS. (*Áparte.*) Continúa a zombar de mim.

D. ROSALIA. E se quer que diga o que sinto... elle tem razão. V. Ex.^a é um homem perigoso. (*Á parte.*) Se eu apanhasse para mim o velho é que dava uma boa lição n'aquelle maroto.

JAYME D'AVILEZ (*Áparte.*) As coisas complicam-se e a mim cumpre-me guardar os deveres de bom amigo. É preciso deitar um copo d'agua fria nesta labareda. (*Para D. Rosalia.*) E sua sobrinha. Como está ella? Não se digna apparecer-me.

D. ROSALIA. Sahu.

JAYME D'AVILEZ. Mas volta?

D. ROSALIA. Hade voltar.

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Como transluz o despeito nestas respostas!

MATHEUS. (*Áparte.*) Agora chegou a minha vez. (*Alto.*) Que é isso? Ficaste triste?

JAYME D'AVILEZ. Eu? Qual!

MATHEUS. Escusas de dissimular. O amor atraicôa os mais espertos.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Maldicto.

MATHEUS. Socega, homem, que volta... mais tarde, mas volta. Neste intervallo precisava de ti e pedia-te

que me acompanhasses. A sr.^a D. Rosalia é a bondade personalisada, e receberá logo, com muito prazer, a tua segunda visita. (*Baixo.*) Segue o meu conselho, que te não has de arrepender.

JAYME D'AVILEZ. Sendo assim, estou ás tuas ordens.

D. ROSALIA. (*Meio supplicante.*) Se V. Ex.^a quer esperar... creia que me não incommoda, antes pelo contrario...

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Ai! como ella me diz isto! coitada! está mesmo pelo beicinho... (*Para Matheus.*) Leva-me, leva-me d'aquí... (*Áparte.*) senão a mulher apaixonou-se por mim, e adeus conquista para elle. (*Para D. Rosalia.*) Minha senhora, até logo.

MATHEUS. (*Sorrindo.*) Até logo, sr.^a D. Rosalia.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Ri-te, ri-te, que talvez ainda chores. (*Alto para Jayme.*) Até logo, sr. Jayme. (*Estendendo-lhe a mão.*)

JAYME D'AVILEZ. (*Agarrando-lha e beijando-a.*) Até sempre. (*Áparte.*) Ih! como treme... Coitadinha! é mais uma victima que faço, sem querer. (*Para Matheus.*) Anda d'ahi.

MATHEUS. (*Baixo a D. Rosalia.*) Lembre-se do nosso ajuste, e não deixe o certo pelo duvidoso. Tome o conselho, que é d'amigo.

SCENA VII

D. ROSALIA, só.

D. ROSALIA. Conselho de tratante, lhe chamo eu. Sempre é muito hypocrita! tão hypocrita que ainda

pretende sê-lo comigo. Mas eu é que não preciso de conselhos... Já estou em idade de saber o que faço, e o que me convem. Por isso não desisto da conquista, e conto supplantar minha sobrinha. Ella tem a belleza da mocidade, mas eu tenho os attractivos da experiencia. E a experiencia vale muito nestes casos. É verdade que o tal Matheus é mau para amigo, e eu tenho medo d'elle, confesso. Portanto, para conseguir o meu fim, era necessario enganar-o, e não é facil. Mas tambem não é impossivel. Até me parece que já achei meio quasi infalivel. Finjo a principio favorecer os amores com minha sobrinha, para o illudir, e vou tratando, ao mesmo tempo, de encaminhar disfarçadamente os meus. O sr. Matheus é muito esperto; mas um homem é sempre menos esperto que uma mulher tola — e eu nada tenho d'isso. Muito contente fico se o lograr. (*Batem.*) Hade ser Carolina. (*Vae abrir.*)

SCENA VIII

D. ROSALIA E CAROLINA.

(*Carolina entra; vem pallida, e revelando a maior agitação.*)

D. ROSALIA. Ih! Jesus! Como tu vens pallida! Que te aconteceu? Diz.

CAROLINA. Nada, minha tia, absolutamente nada. (*Áparte.*) Deus queira que não a vissem.

D. ROSALIA. Escusas disfarçar. Bem sabes que eu não engulo facilmente petas. Graças a Deus, tenho

bons olhos, e não me escapam as coisas. Vamos, responde-me, o que foi isso?

CAROLINA. (*Continuando inquieta e olhando para a porta.*) Nada, repito, minha tia, não foi nada. (*Áparte.*) E não apparece! Valha-me Nossa Senhora!

D. ROSALIA. Continúas? Que significa pois essa inquietação em que estás?

CAROLINA. (*Áparte.*) É necessario dizer-lhe alguma coisa, senão zanga-se deversas comigo.

D. ROSALIA. Ainda não socegaste um instante, e não tiras os olhos da porta. Seguia-te alguém na rua?

CAROLINA. É verdade... foi isso... seguia-me um importuno... e a tia sabe como eu fico assustada quando me acontecem casos semelhantes. (*Áparte.*) Se não fôra ella indicar-m'a, neste momento havia de me custar a inventar uma mentira

D. ROSALIA. Não penses mais em tal... Agora estás em casa, e não tens que receiar.

CAROLINA. (*Áparte.*) Tenho, e muito, mas não por mim. (*Alto.*) Diz bem, minha tia, mas que quer? o susto foi tamanho!

D. ROSALIA. Na tua idade tambem eu era assim... Em vendo um homem atrás de mim, assustava-me; hoje diverte-me... Mudando porém de conversação, eu vou sahir. (*Áparte, indo buscar o chapéo.*) Sáio agora para voltar ainda a tempo de receber a visita do meu futuro namorado. Olé! que o ha de ser!

CAROLINA. (*Áparte.*) E a menina Mathilde sem chegar! Jesus me valha.

D. ROSALIA. (*Pondo o chapéo.*) E se elle vier mais cedo... devo prevenir Carolina. (*A Carolina.*) Ouve, menina, se o sr. Jayme d'Avilez me procurar em quanto eu saio, recebe-o, que pouco se demora. (*Áparte.*) Não hão de estar muito tempo sós. São conveniencias que me cumpre guardar por ella... e por mim.

CAROLINA. N'esse caso, mando-o esperar; mas julgo desnecessario ficar-lhe fazendo companhia.

D. ROSALIA. (*Áparte.*) Tambem eu julgava; mas o outro! Devo sustentar as apparencias para melhor o illudir, e como ella não gosta d'elle, não ha perigo. (*Alto.*) Estás enganada, minha Carolina, deves e podes receber-lhe a visita na minha ausencia... O sr. Jayme d'Avilez é um homem serio e muito bem educado. Até já. (*Sahe.*)

SCENA IX

CAROLINA e depois MATHILDE.

CAROLINA. Não é na seriedade delle que eu me fio... fio-me, bem sei em que, agora que o acaso me fez conhecer quem era. A proposito, e a minha bemfeitora que resolução tomaria depois que nos separámos... talvez voltasse para casa. (*Batem á porta.*) Será já elle!

MATHILDE. Abre, Carolina, abre depressa.

CAROLINA. (*Indo a correr abrir a porta.*) É ella! Ainda bem!

MATHILDE. (*Entrando.*) Felizmente cheguei até cá; ainda me custa a crer. (*Senta-se.*)

CAROLINA. Encontrou minha tia?

MATHILDE. Voltava a esquina, quando eu cheguei á porta. Não me viu.

CAROLINA. E elles viram-n'a?

MATHILDE. Tambem cuido que não. De meu pae tenho a certeza; mas do outro conservo alguma desconfiança. E a razão que me leva a tê-la, foi o tempo que elle esteve parado a conversar, demorando meu pae, defronte da porta em que eu me occultei, e da qual não tirava os olhos. Demorei-me mais, em consequencia d'isto, receiando que elle estivesse á minha espera, e queria dar-lhe tempo de desenganar-se que o fazia de balde, obrigando-o assim a desistir. Deixemos porém o que lá vae, e tratemos do que está para vir... que é mais importante, e mais serio. Com que então, era meu pae o partido brilhante que tua tia sonhava para ti?

CAROLINA. Bem sabe que ignorava tudo. Conhecia a V. Ex.^a; mas nunca tinha visto seu pae, apesar de ir a miudo a sua casa.

MATHILDE. Tomava eu essas precauções de proposito. Era muito bonita para que meu pae não fizesse reparo. E meu pae, que é o melhor homem do mundo, perde logo a cabeça em vendo uma mulher galante. Torna-se peor e mais doido que um rapaz de dez-oito annos. O que vale é não ser mais perigoso de que um rapaz daquella idade. Faz muita bulha— e mais nada. No pensar e no sentir é uma perfeita

criança. Não é portanto pelo lado d'elle que tenho receios nesta nova conquista que tentou fazer da minha protegida.

CAROLINA. Então de quem receia?

MATHILDE. Receio do amigo que o ajuda nestas extravagancias; e receio de... de...

CAROLINA. De minha tia? bem sabe que pode ser franca comigo.

MATHILDE. Talvez. Não a julgo má; mas julgo-a leviana, e a leviandade obriga muitas vezes a praticar acções que mais tarde o arrependimento não resgata. Matheus Soares é homem para insensivelmente desencaminhar sua tia, como tem desencaminhado meu pae. A maior parte dos desvarios que este pratica deve-os áquelle. E aposto que desta vez é tambem o sr. Matheus o principal influente nesta empreza.

CAROLINA. E sabe V. Ex.^a que seu pae não tarda ali?

MATHILDE. Concluo d'essa noticia que o senhor meu pae não esperdiça tempo.

CAROLINA. Assim m'ó participou minha tia; ordenando-me que lhe recebesse a visita.

MATHILDE. Nada tema, porque eu não a deixo. Escondo-me no seu quarto e de lá vigiarei tudo. Conte comigo, no caso de imprudencia.

CAROLINA. Conto com V. Ex.^a e com mais alguém.

MATHILDE. (*Áparte.*) Jesus! que presentimento!
(*Alto.*) Com mais alguém! diz-me quem é?

CAROLINA. Pois não adivinha?

MATHILDE. Adivinho, adivinho.

CAROLINA. Bem vê que era dever para mim prevenil-o. Ainda esta manhã me disse que havia de ser sua mulher, e como tal já me considero. Ocultando-lhe o que está para acontecer, podia a calúnia mais tarde roçar-me, e eu, victima d'ella, perdê-lo.

MATHILDE. (*Áparte.*) Que heide fazer, meu Deus?

CAROLINA. Trata-se da minha honra, e para o homem que ha de ser meu marido não quero que possa existir a minima sombra de desconfiança. Antes de fallar a V. Ex.^a, fui prevenil-o e disse-lhe tudo.

MATHILDE. Que desgraçada situação. Não lhe bastava o meu auxilio, não tinha confiança na minha amisade?

CAROLINA. Toda, creia V. Ex.^a; mas o momento era supremo. Se V. Ex.^a, por um motivo alheio á sua vontade, não podesse acompanhar-me, para me justificar quando necessario fosse, a quem, senão a elle, competia defender-me?

MATHILDE. Diz bem... mas se soubesse... quero dizer, se calculasse as consequencias que podem seguir-se... (*Áparte.*) Só pensal-o, me faz estremecer.

CAROLINA. Prometteu-me ser prudente.

MATHILDE. Prometter é facil, mas... E elle já cá está?

CAROLINA. Ainda não.

MATHILDE. Logo, se meu pae chega primeiro, e elle entra depois, encontram-se necessariamente.

CAROLINA. Não se encontram, descance V. Ex.^a O quarto de Jayme, que é este, (*Apontando para a esquerda, alta*) tem uma porta que dá para a escada, e cuja chave traz consigo.

MATHILDE. Mal sabe o que fez! Se ainda fosse tempo de evitar... Um conflicto entre aquelles dois homens seria horrivel... Sei-o eu, e só eu, mais ninguém. Cumpre obstal-o, a todo o custo, seja como fôr... Não me pergunte por que. Não lh'ó posso dizer. Mas asseguro-lhe que dava annos da minha vida para que tal não acontecesse! É meu pae um delles, e o outro... (*Batem á porta.*)

CAROLINA. Diz-me o sangue, que me subiu ao rosto, que é elle!

MATHILDE. E a mim diz-m'ó a dôr que senti no coração.

CAROLINA. Esconda-se.

MATHILDE. Meu Deus! valei-me e inspira-me! (*Entra para o quarto de Carolina.*)

SCENA X

CAROLINA E JAYME D'AVILEZ

CAROLINA. Agora tenho mais medo por elles do que por mim. Será o que Deus quizer. (*Vae abrir a porta, apparece Jayme d'Avilez.*)

JAYME D'AVILEZ. A sr.^a D. Rosalia está em casa?

CAROLINA. Sahiu; mas encarregou-me de dizer a V. Ex.^a que pouco se demorava.

JAYME D'AVILEZ. Posso então esperal-a?

CAROLINA. Recebi ordem de minha tia para lhe dizer que sim.

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Bello! D. Rosalia é a rainha das tias! e a pequena a flor das sobrinhas! Cada vez me parece mais bonita. Nada de perder tempo. Entabolemos conversação. (*Para Carolina.*) Então não se senta?

CAROLINA. Estou bem. Conheço os meus deveres quando o acaso me aproxima de pessoas que inspiram respeito, como V. Ex.^a

JAYME D'AVILEZ. Que está a dizer, menina? Pois julga-me pessoa de respeito? Ora esta! bem se vê que me não conhece. D'aqui a meia hora aposto que já não pensa assim! Se ha homem que despreze etiquetas, sou eu. A liberdade é a minha deusa favorita! Festejo-a em prosa na politica e canto-a em verso na vida. Admira-se que eu seja poeta? Pois olhe que o sou; não poeta ideal; mas poeta pratico. Os outros escrevem o que sonham; eu faço o que imagino. Elles inspiram-se de tudo; eu só me inspiro de mim e para mim. Elles são a poesia em letra redonda; eu sou a poesia em acção.

CAROLINA. (*Áparte.*) Se eu estivesse a sangue frio divertia-me ouvil-o.

JAYME D'AVILEZ. Em vez de mimosear com odes e sonetos os encantos das minhas enamoradas, realiso-lhe os sonhos dourados da minha imaginação e substituo ás comparações a execução. Por exemplo, elles dizem: se eu fôra rei, dava-te mundo e fundos. Eu nada digo, mas trato de igualar o tal

rei que elles phantasiam. (*Sente-se um leve ruido no gabinete da esquerda.*) Que foi?

CAROLINA. Nada... alguém que tropeçou na escada.

JAYME D'AVILEZ. E a tal escada que foi feita de proposito para esse fim... Nunca a subi sem igual receio.

CAROLINA. (*Áparte.*) Hade ser Jayme. Deus lhe dê prudencia.

JAYME D'AVILEZ. Mas, deixando o tropeção alheio, que tambem me fez tropeçar na conversa, peço-lhe que acredite no que lhe estava dizendo, e creia que sou homem para o cumprir. Aqui, onde me vê, não sou o que pareço. Isto cá por dentro é um Etna. Está sempre em labaredas; mas neste momento presinto uma erupção devastadora. (*Áparte.*) Já annunciei o fogo, agora é só apresentar o incendio.

CAROLINA. (*Áparte.*) O perigo augmenta, sinto-o e tremo.

JAYME D'AVILEZ. (*Com enthusiasmo e calor.*) A centelha, que animou a inesperada erupção, deve suppôr d'onde partiu? E abençoada seja ella que talvez fosse a ultima e ateasse uma chamma que ha durar sempre. (*Áparte.*) Parece-me que me vou sahindo poeta, sem mais nem menos. (*Alto.*) E sabe... e julga... ou antes... quero dizer... (*Áparte.*) Cortei o fio ao discurso e agora vejo-me entallado.

CAROLINA. Perdão; mas não o intendo...

JAYME D'AVILEZ. Não me entende! não me entende! (*Áparte.*) O peor é que tambem já me não intendo. (*Alto.*) Não me entende, repita.

CAROLINA. Nem tenho empenho.

JAYME D'AVILEZ. Mas tenho eu, e vae já intender-me. (*Áparte.*) Vou fallar-lhe em prosa, não ha remedio. (*Alto.*) Oiça, menina Carolina. Tudo quanto lhe tenho dito podia resumir-se em duas palavras. Eram mais facéis de dizer e não menos de perceber. Quiz fallar como poeta, e consegui o que a maioria delles, salvo honrosas excepções, conseguem; isto é, não me fazer comprehender. É verdade tambem que é a razão por que as senhoras, geralmente, gostam mais de versos, é porque os não percebem. Por isso ás vezes ouvem n'uma estrophe o que não supportariam que lhes dissessem em duas phrases, n'um dialogo intimo que fosse. É d'ahi naturalmente que vem aquelle costume de dizer-se: são liberdades poeticas. Dito isto, vamos ao que importa.

CAROLINA. A quem?

JAYME D'AVILEZ. A mim, e talvez á menina. Queira escutar-me, (*Aproximando-se d'ella, que se afasta.*) e creia que tornal-a feliz é a minha intenção. (*Carolina olha para elle um instante com um sorriso incredulo, mas digno; elle diz áparte*) O demonio da rapariga, quando olha para mim, faz-me baixar os olhos, a meu pesar.

CAROLINA. E sabe V. Ex.^a o que julgo felicidade para m'a realizar?

JAYME D'AVILEZ. Sei... isto é... desconfio. (*Áparte*) É o que eu digo... não fico á minha vontade quando me fita. (*Alto.*) Julgo que a felicidade consiste,

para uma menina, em satisfazer todas as suas inclinações, todos os seus caprichos, todos os seus desejos. E por esse lado asseguro-lhe eu que havia de exceder até as suas ambições. Deus não a dotou de tanta formosura para viver escondida do mundo, onde a esperam milhares de prazeres e inumeraveis triumphos.

CAROLINA. Prazeres ephimeros! triumphos passageiros! Ha só um prazer para mim, a ventura do coração; um só triumpho, o da virtude. (*Jayme abre a porta.*) Jesus! lá se abriu a porta do quarto. Que idéa será a delie?

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) É celebre, cada vez me sinto mais timorato... é um feitiço exquisito o que me deu esta rapariga. (*Alto.*) Mas além d'esse prazer e d'esse triumpho, ha outros que o mundo applaude, e que lisonjeiam a vaidade. A sua belleza tem direito a conquistar uns e outros, e ha de conquistal-os. Logo na primeira vez que a vi, tive esta idéa. E quando mais tarde soube que trabalhava como costureira, para viver, jurei livral-a de tão triste posição, elevando-a áquella para onde, estou certo, tinha nascido. E é o que neste momento lhe proponho.

CAROLINA. E que eu regeito.

(*Jayme sahe do quarto; Mathilde entre-abre a porta do quarto onde se escondéra.*)

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Disse-me isto d'um modo que me impressionou. Safa! que me fez lembrar minha filha, que pensa assim, aposto. (*Che-*

gando-se a ella.) Não diga tal... e creia que estou prompto a fazer-lhe tudo desinteressadamente. Empenho n'isso a minha palavra.

SCENA XI

OS MESMOS E JAYME

JAYME. A palavra d'um homem, quando este sabe o que ella vale, não se empenha para praticar uma acção infame.

CAROLINA. (*Correndo a elle.*) Jayme!

JAYME D'AVILEZ. Insolente! (*Indo para elle.*) Mas espere... o senhor é...

JAYME. O seu ex-secretario... gozei apenas duas horas das honras, e bastam-me para conservar o titulo. O mesmo tem acontecido a alguns ministros...

JAYME D'AVILEZ. Sendo pois meu secretario, como é que se atreve...

JAYME. Ex-secretario... porque conto com a minha demissão, peço-a até para lhe poder dizer abertamente o que penso a seu respeito.

CAROLINA. (*Para Jayme.*) Desgraçado! que se perde.

JAYME. Perco só um logar, mais nada. Salvo a dignidade, que é tudo. (*Para Jayme d'Avilez.*) Posso considerar-me exonerado do cargo que hontem me deu?

JAYME D'AVILEZ. Se quer, póde. (*Á parte.*) Palavra, que lhe perdoava de bom grado... Se esta rapariga era a paixão d'elle, está justificada a ousadia.

JAYME. Obrigado. Agora posso fallar. Já não sou seu empregado. Nem o podia ser, porque intendo que para o censurar, cumpria-me deixar de servir-o, uma vez que recebia salario a trôco d'esse serviço. Viu-me hontem em sua casa estender-lhe a mão supplicante, mas sem dobrar a fronte, porque não pedi a esmola do dinheiro, mas sim a esmola do trabalho. E este tem o resgate em si. Ouviu-me contar-lhe francamente a minha vida, dizer-lhe sinceramente a minha posição, revelar-lhe até segredos intimos e dolorosos. Algumas lagrimas que chorei, sabe que foi ao nome de minha mãe.

JAYME D'AVILEZ. (*À parte.*) E esta! a rapariga commoveu-me, e o rapaz vae na mesma. Qual de nós tres será mais creança?

JAYME. Mas é que não está mal a ninguem dizer que é pobre; ninguem tem culpa de ser desgraçado! O que está mal é ser rico e esquecer os pobres; ser feliz e abusar dos desgraçados.

JAYME D'AVILEZ. (*À parte.*) Parece-me que aquillo é comigo.

JAYME. Nem tudo se compra com oiro. Ha pobres que não trocam a honra pela riqueza! Ha desgraçados que preferem a miseria á depravação.

CAROLINA. Basta, Jayme, basta.

JAYME. Não basta. A honra d'uma mulher pobre vale tanto como a d'uma mulher rica. Ricos e pobres devem sabel-o, porque todos tiveram mãe. E se a uma mulher rica tivesse acontecido o que acaba de acontecer á sr.^a julga que deixariam sahir o seductor impunemente?

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Mau! mau! que o rapzinho vae-se excedendo, e a mim pode faltar-me a paciencia.

CAROLINA. (*Áparte.*) E Mathilde, o que não ha de soffrer, ouvindo tudo isto!

JAYME. Quer um exemplo? Eu' lh'o dou. Este senhor tem uma filha. Pois bem. Elle que diga o que faria se encontrasse em sua casa um homem, não para offerecer a sua filha a fortuna a trôco da perdição, mas para lhe causar a perdição com vistas na fortuna?

JAYME D'AVILEZ. (*Esponaneamente.*) Pergunta-me o que faria? É facil de suppôr. Atirava com elle pela janella fóra.

JAYME. (*Para Carolina.*) Ouve?

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Esta só pelo diabo! Respondi sem pensar que era a pena de talião que o rapaz invocava.

JAYME. Reconhece-então que igual direito haveria.

JAYME D'AVILEZ. Para um pae, como eu sou; mas creio que o senhor não é pae d'esta menina.

(*Matheus e D. Rosalia apparecem ao fundo.*)

JAYME. Não sou, é verdade; mas posso tomar o logar de seu irmão, já que lhe não resta ninguem no mundo para a guardar.

SCENA XII

OS MESMOS, D. ROSALIA E MATHEUS

D. ROSALIA. (*A quem Matheus tem estado, por*

acenos, a dizer que intervenha.) Alto lá! eu creio que sou alguém.

JAYME. (*Olhando para ella com desprezo.*) A senhora é apenas alguém... e mesmo assim é de mais.

D. ROSALIA. Atrevido! Ousar insultar-me na minha casa! Quem lhe deu authoridade para se entremetter com as pessoas que eu recebo, e para se arvorar em defensor de minha sobrinha? Quer que estes senhores a julguem sua amante? Se eu não soubesse que havia outra que talvez o seja, e o protegia, acredite que ha muito tempo não vivia aqui!

JAYME. Outra!

CAROLINA. (*Áparte.*) Meu Deus! valei-nos.

JAYME D'AVILEZ. (*Para Matheus.*) Agora me lembro... a tal rapariga bonita e rica de que tu hontem me fallaste.

JAYME. Não sei a que se refere, nem me importa. Por mim nada receio, mas tenho serios e graves receios por alguém que nos escuta, e que tem sido o anjo da guarda da minha vida. Presinto porém, neste momento, que podem fazer-lhe a desgraça; e como diante da mulher que a promove sou obrigado a conter a minha indignação, porque é uma mulher, dirijo-me portanto ao homem que aspira a realisal-a.

CAROLINA. (*Áparte.*) Jesus! que heide fazer?

MATHEUS. (*Áparte.*) Agora é que o meu rival se perde inteiramente.

JAYME. (*Dirigindo-se a Jayme d'Avilez.*) E de-

claro que, além de infame, é covarde, se hesita em lavar o insulto que assim lhe atiro ás faces.

JAYME D'AVILEZ. É o primeiro que recebo, e tenho sessen... esta idade; e talvez seja o ultimo que o senhor profere. E a reparação hade ser já. Era a unica prova que me faltava dar a esses que se chamam rapazes, e que ao pé de mim nem para lá caminham. É já; vamos.

SCENA XIII

OS MESMOS E MATHILDE.

MATHILDE. (*Sahindo do quarto e dirigindo-se ao pae.*) Detenha-se, meu pae, de joelhos lh'o peço.

JAYME D'AVILEZ. Mathilde! minha filha! tu, aqui! E pedes-me...

MATHILDE. Que não toque n'aquelle homem. Supplico-lh'o por mim... e por meu pae...

JAYME D'AVILEZ. Jesus! que recordação... a rapariga que o protege seria... era...

MATHILDE. Era eu.

JAYME. (*Á parte.*) Ella!

CAROLINA. (*Baixo.*) Silencio.

JAYME D'AVILEZ. Tu! tu! a minha querida filha! (*Indo para a affastar de si com colera, mas depois n'uma rapida transição diz*) Se o amor ainda obriga o pae a fazer doidices, que admiração é que as inspire á filha?! (*Erguendo Mathilde.*) A culpa é só dos corações que são iguaes. Cumpra-se pois a vontade do seu. (*Para Jayme com severidade.*)

Espero-o amanhã em minha casa. (*Para Mathilde*)
Mathilde, filha, sinto-me velho, pela primeira vez
na minha vida... dá-me o teu braço e ampara-me.
(*Passando por Carolina que chora.*) Obrigado por
essas lágrimas, e quando as enxugar, ria-se do que
lhe disse e perdoe-me.

(*Quadro final; Mathilde e Jayme d'Avilez en-
caminham-se para o fundo.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

A mesma sala do primeiro acto.

SCENA I

MATHILDE E LOURENÇO.

LOURENÇO. (*Entrando pelo fundo.*) Disseram-me que a menina queria fallar-me?

MATHILDE. (*Que estava sentada e pensativa junto da jardineira da direita.*) Ah! é o sr. Silva... ainda bem. Mandeí-o chamar porque tinha um favor a pedir-lhe.

LOURENÇO. A menina bem sabe que estou sempre às suas ordens.

MATHILDE. Sei que depois de meu pae é o melhor amigo que tenho.

LOURENÇO. Se é que o não sou tanto como elle.

Mas ainda agora reparo... A menina tem os olhos pisados... Ia jurar que chorou.

MATHILDE. Talvez.

LOURENÇO. E porque? Diga-m'ò.

MATHILDE. Mais tarde, quando o mal estiver remediado.

LOURENÇO. O mal!...

MATHILDE. Admira-se? Julga-me incapaz de com-metel-o?

LOURENÇO. Julgo. Tenho a certeza de que o não commetteu.

MATHILDE. (*Commovida.*) É meu amigo, já o sabia... e agora fez-me devêras bem no que me disse.

LOURENÇO. E disse o que sentia. Conheço-a tanto como a seu pae. Duas almas como não ha melhores. Cuida a menina que eu não suspeito o destino que dava ao dinheiro que me pedia adiantado?

MATHILDE. Estou certa que não.

LOURENÇO. Quem sabe? Olhe, em rendas e enfeites não era.

MATHILDE. Pois era, creia.

LOURENÇO. Não me engana... e a prova é que elles não apparecem, nem existem, e maior prova ainda os donos das lojas que a menina frequenta queixarem-se do pouco que a menina gasta.

MATHILDE. Para esses senhores sempre se gasta pouco.

LOURENÇO. Á vista d'isto é facil, para quem lhe lê o coração, como eu, adivinhar que os enfeites transformam-se em esmolos.

MATHILDE. Não consinto que me julgue melhor do que eu sou, attribuindo-me esmolos que não faço; e já que tem motivos para desconfiar de que ha mais ou menos, saiba que o dinheiro que me pedia era para o pagamento d'uma divida.

LOURENÇO. Sua?

MATHILDE. Alheia; mas é como se fôra minha.

LOURENÇO. Nada mais pretendo saber, e peço-lhe que me dê as suas ordens.

MATHILDE. (*Tirando uma carta.*) Rogava-lhe o obsequio de entregar pessoalmente essa carta á pessoa a quem é dirigida. É uma carta importante, cujo descaminho podia causar tristes consequencias, e por isso necessito entregal-a a uma pessoa em quem possa depositar inteira confiança, e ninguem a merece mais, para mim, do que o sr. Silva.

LOURENÇO. Agradeço, e só espero que me illucide completamente para desempenhar a minha missão.

MATHILDE. Na mesma carta vae indicada a morada e a pessoa a quem é dirigida. É para a minha costureira. O sr. Silva conhece-a. Ainda hontem a viu nesta casa. Recommendo-lhe que só a entregue em mão propria.

LOURENÇO. Fique V. Ex.^a descansada.

MATHILDE. Tão descansada como se fosse eu propria a portadora. (*Lourenço sae.*)

SCENA II

MATHILDE (*só.*)

MATHILDE. Precisava ter a certeza de que Caro-

lina recebia esta minha carta, e agora tenho toda. Torna-se indispensavel que Jayme não desengane logo meu pae dos amores, que este suspeita haver entre nós. Como não existem, e o compromettimento é só apparente, as consequencias evitam-se facilmente. Mas tal revelação separava-os, e eu tenho outra a fazer-lhes, que ha de unil-os para sempre. Para tental-a convém necessariamente prolongar esta situação, que obriga meu pae a conservar-o junto de si. Mal sabem elles que eu, e só eu, conheço um segredo que os ha de salvar a ambos. Sinto passos!... Quem será?

SCENA III

MATHILDE E MATHEUS

(*Matheus apparece ao fundo.*)

MATHILDE. (*Á parte.*) É exactamente quem eu menos desejava que fosse.

MATHEUS. (*Á parte.*) O acaso favoreceu-me. Está só.

MATHILDE. (*Á parte.*) Se conta que lhe tome a visita, engana-se.

MATHEUS. Ainda bem que tive a fortuna de encontrar-a antes de vêr seu pae. Precisava entender-me com V. Ex.^a

MATHILDE. Comigo!?

MATHEUS. A respeito do que devo dizer-lhe.

MATHILDE. Tudo quanto fôr de sua vontade. Igno-

ro o que possa ter a communicar-lhe, e mesmo até o dispenso de que m'o diga. Mas o que desde já lhe affirmo, é que nada pôde haver que V. S.^a precise entender-se comigo, e que extranho deverás que chegasse a pensal-o, o que já para mim foi uma offensa.

MATHEUS. Se a offendi, foi involuntariamente, e peço-lhe perdão. Creia que havia a melhor intenção da minha parte no empenho que mostrei em combinar com V. Ex.^a o melhor modo de remediar o que se passou...

MATHILDE. Não vejo mais de que um modo... e esse inutilisa a menor combinação.

MATHEUS. E se a sua realisação fôr impossivel?

MATHILDE. Impossivel!

MATHEUS. A amizade que me liga a seu pae e o interesse que me prende necessariamente á filha do meu maior amigo, obriga-me a fallar com franqueza, mesmo a risco de desagradar, procurando assim evitar a ambos tristes desenganos, que a paixão d'um faz esquecer, e que a dôr do outro não permite lembrar. Imaginam que o homem que praticou a culpa, pôde dar a reparação, e não pôde, porque para a dar precisava d'um nome, e não o tem.

MATHILDE. (*Áparte.*) Cuidava lembrar-me o que eu nunca esqueci. Mas ha de tê-lo.

MATHEUS. Bem vê portanto que no momento, em que a reflexão apresenta esta fatal circumstancia ao pae de V. Ex.^a, malograram-se todas as espe-

ranças, e a dôr aggrava-se e perpetua-se. Era isto o que eu queria evitar, e para o conseguir não hesitava nos maiores sacrificios

MATHILDE. (*À parte.*) Começo a desconfiar. Vejamos até que ponto chega o cynismo deste homem. (*Alto.*) Não sei que haja sacrificios que possam resgatar.

MATHEUS. Pois ha, minha senhora, e para lh'ó provar basta que lhe denuncie um sacrificio que a affeição que sinto por V. Ex.^a me inspirou, e que só a amizade que tenho a seu pae justifica. Suppõe talvez qual seja?

MATHILDE. Nem sequer desconfio.

MATHEUS. Tão supremo é elle! E é, veja. Ao nome que falta estou prompto a substituir o meu.

MATHILDE. (*À parte.*) Miseravel! (*Alto.*) Como falta um nome que havia de ser honrado, julga resgatal-o com outro que nem honroso soube fingir-se? Com licença. (*Sáe.*)

SCENA IV

MATHEUS SOARES (*só.*)

MATHEUS. Póde fazer-se de manto de seda, que eu não esmoreço assim. A necessidade vence muita vez o orgulho. Uma reputação duvidosa não exige um nome honroso... contenta-se com um nome qualquer. Veremos se o pae abunda nas mesmas idéas. Jogue-se a ultima carta, e jogue-se com decisão, uma vez que vac nella a derradeira esperança. A proposito; cil-o.

SCENA V

MATHEUS E JAYME D'AVILEZ

(*Jayme d'Avilez entra pensativo com um papel fechado como subscripto; não repara em Matheus, e vai sentar-se n'uma poltrona do lado esquerdo.*)

JAYME D'AVILEZ. (*Lendo o subscripto..*) Lembrese!... Por mais que scisme, não presumo o interesse que levou alguém a suscitar-me hoje esta lembrança!

MATHEUS. (*Aproximando-se.*) Não me convem perder tempo. (*a Jayme*) Aperta, Jayme, que a mão d'um amigo val sempre d'alguma coisa, nestes momentos... dá animo, quando mais não seja... E com esta, sabes que podes contar.

JAYME D'AVILEZ. Creio e agradeço, ainda que o animo não me falta, tenho de sobejo. O coração do pae só abalou, mas não enfraqueceu a tempera do homem. Um é fraco; mas a outra é rija. (*Erguendo-se.*) Olha bem para mim, e diz-me, se alguém era capaz de dizer que não dormi esta noite, e que chorei algumas lagrimas?

MATHEUS. Só alguém que te conhecesse tão intimamente como eu...

JAYME D'AVILEZ. Pois chorei... lagrimas — de pai, que são de homem, mas d'um segundo homem que Deus cria em nós quando nos legitima esse nome. Era uma coisa que eu pressentia, e que

tive agora occasião de conhecer verdadeiramente. Custou-me, custou-me devéras, não pela escolha de minha filha, ella é como eu, obedece a este (*Põe a mão no coração.*) e obedeceu ao que lhe mandou o d'elle; mas custou-me muito, porque não queria que me escondesse aquella affeição. Pensou talvez que me oppozesse, e lh'a reprovasse, porque o rapaz era pobre! Doe-me que minha filha, não fizesse de mim o conceito que eu mereço. Pois não sobra riqueza a minha filha, para que me fosse indifferente a pobreza do rapaz? Fosse elle rico de amor por Mathilde, que era o sufficiente para completar a sua felicidade. Tenho vivido alguma coisa, e espero viver muito mais, e cada vez estou mais persuadido, que a maior coisa boa que ha neste mundo, é o amor.

MATHEUS. Tens justificado plenamente que professas tal doutrina.

JAYME D'AVILEZ. Creio nella como na lei de Deus. Amo este como manda a religião sobre todas as coisas, e ao proximo, isto é, á proxima, muito mais do que a mim mesmo. Desde os quinze annos até hoje, que já vão alguns, ainda não fiz outra coisa. Tenho amado muito, tanto que chega até a parecer-me impossivel. A proposito dir-te-hei, que quando tu chegastê, acabava de receber uma prova do que digo. Foi tão inesperada, que me causou impressão, e maior ainda porque me faz desconfiar no modo por que me foi apresentada, que envolve algum mysterio proximo a revelar-se.

MATHEUS. Já que me provocaste a curiosidade, peço-te que me ponhas ao facto do acontecido.

JAYME D'AVILEZ. Como é historia d'amores, apesar de serem amores antigos, tens direito a saber-a, uma vez que tens sido companheiro e confidente dos modernos. Vês este papel?

MATHEUS. Depois; isso pouco adianta.

JAYME D'AVILEZ. Depois lê o que tem escripto.

MATHEUS. (*Lendo.*) *Lembre-se!*

JAYME D'AVILEZ. *Lembre-se.* Agora (*Tirando metade d'um anel de dentro do subscripto.*) repara no que estava dentro?

MATHEUS. Metade d'um anel!

JAYME D'AVILEZ. Exactamente metade d'um nó gordio.

MATHEUS. Que dêste a alguma mulher, e agora t'o devolve para recordar-te alguma promessa?

JAYME D'AVILEZ. Isso era o que devía, e podia ser; mas não é, porque procurando a outra metade que me obrigaram a guardar, não a achei, e, uma vez que desapareceu, é porque alguém a tirou. Eu não fui. E até estou desconfiado que era esta mesma a minha metade.

MATHEUS. E o tal nó gordio encerra alguma pagina de tua vida passada, que te comprometta?

JAYME D'AVILEZ. Encerra uma pagina dolorosa e triste! recorda-me um desvario da primeira mocidade, que já me despertou alguns remorsos, e que nesta occasião avivou-os. Tambem nunca pratiquei outro semelhante. Tenho passado quasi toda a mi-

nha vida a desinquietar mulheres, mas sempre mulheres que a sua posição authorisa ou a sua levandade reconhecida permite. Á innocencia prestei sempre d'então para cá o maior respeito. Quem sabe? Talvez aquelle *lembre-se* alluda a esta ultima loucura que eu premititava com a pobre costureira! Mas quem póde saber um segredo, que eu tenho escondido sempre?

MATHEUS. Mas a historia do nó gordio? Ainda m'a não disseste?

JAYME D'AVILEZ. A historia não é mais que o prologo d'um romance. Foi uma acção indigna, confesso. Mas esta cabeça sempre pensou pouco, e naquelle tempo coisa alguma. Abusei da credulidade d'uma innocente; ella sacrificou-me a honra, e eu... fui... infame. É a palavra... e digo-a para meu castigo. Quando a conheci, já eu estava comprometido para casar com a mãe de Mathilde, e foi a razão que nos separou. A illusão não durou mais de um mez para a desgraçada. Presentiu porém ella o que estava para acontecer, porque dias antes pediu-me um nó-gordio que eu trazia, e quebrando-o, disse-me: «Guarda essa metade, que eu guardo a outra; talvez no futuro seja symbolo d'uma vergonha para mim, e de um remorso para ti.» E soffreu a vergonha como eu sinto o remorso. Lá isso é verdade; o coração das mulheres raras vezes se engana nestas coisas!

MATHEUS. Mas deixa-se enganar.

JAYME D'AVILEZ. O que prova em seu favor. É que

lhes obedecem aos dictames. Mas depois averiguarei do mysterio que de certo envolve a singular apresentação que me fazem do annel; agora cumpre-me antes de tudo salvar minha filha da falsa situação em que se acha, e a que foi levada pela cegueira d'uma paixão! Pobre filha! não desmente o sangue.

MATHEUS. Já pensaste bem no que vaes fazer? Desculpa a pergunta, mas verás que é d'amigo.

JAYME D'AVILEZ. Não se pensa quando a honra manda. E a honra de minha filha, e a honra do meu nome exigem este casamento.

MATHEUS. Intendes porém que o homem que ella escolheu pôde ser seu marido?

JAYME D'AVILEZ. Intendo. Basta amar Mathilde e ser por ella amado. Que mais é necessario?

MATHEUS. Para satisfazer os corações de ambos, nada mais; para que o altar os abençoe é necessario mais alguma coisa. Por exemplo, um nome.

JAYME D'AVILEZ. Um nome!

MATHEUS. E elle não o tem.

JAYME D'AVILEZ. E não, é verdade. Tinha-me inteiramente esquecido. Fatalidade!

MATHEUS. Pois já sabias?

JAYME D'AVILEZ. Disse-m'o elle. E tu como soubestes?

MATHEUS. Disse-m'o D. Rosalia. (*Áparte.*) E sem eu lh'o perguntar. Foi tola, porque n'aquella occasião dava o dinheiro que me pedissem para saber qualquer factó que podesse servir de obstaculo ao casamento.

JAYME D'AVILEZ. Sabel-o D. Rosalia é o mesmo que sabem-n'o todos. Torna-se até impossivel inventar-lhe um nome. Mas que hei de fazer? Minha filha não póde deixar de casar com elle?

MATHEUS. E como has de apresental-o na sociedade?

JAYME D'AVILEZ. Apresento o marido de minha filha. Seja elle homem de bem, e valerá mais do que muitos que lá teem nome. Cabe-lhe por ventura a culpa do seu nascimento? Porque appareceu no mundo victima de um erro alheio, ha de annular-se? O coração e a intelligencia é dadia de Deus ou emprestimo dos homens? Se um d'estes o renegou como filho, aquelle reconhece n'elle a sua obra, e como filho tambem o manda amar e crer. Ainda não sei como, mas tudo se ha de conciliar.

MATHEUS. Duvido.

JAYME D'AVILEZ. Duvidas? Vês algum meio além d'este para pôr uma mordação no mundo, depois do que aconteceu?

MATHEUS. Talvez.

JAYME D'AVILEZ. Dize.

MATHEUS. A amisade não é uma palavra, ao menos para homens como eu, e á amisade que tenho por ti estou prompto a sacrificar-me, dando o meu nome a tua filha, para calar o mundo.

JAYME D'AVILEZ. Á amisade sacrifica-se fortuna, posição, vida, tudo, menos a honra: essa guarda-se intacta, mesmo para valer aos olhos da amisade. Sou... fui teu amigo, mas em iguaes circumstan-

cias, não te faria semelhante proposta, porque via n'ella uma offensa á memoria de meu pae, que foi honrado toda a sua vida.

MATHEUS. Pagas-me com um insulto tanta abnegação!

JAYME D'AVILEZ. Cala-te... por ti. Olha que minha filha é rica... Escuso de acrescentar mais nada.

SCENA VI

OS MESMOS E LOURENÇO

LOURENÇO. Com licença. Está lá fora o secretario de V. Ex.^a, que espera as suas ordens.

JAYME D'AVILEZ. (*Para Matheus.*) Quero ficar só para o receber.

MATHEUS. São já. (*Dirigindo-se para o fundo.*) Sem saber o resultado d'esta entrevista, não desanimo completamente. (*Sáe.*)

JAYME D'AVILEZ. (*Depois de Matheus sair.*) Diga ao sr. Jayme que o estou esperando.

LOURENÇO. (*Sahindo.*) Ainda bem que me não demorou, porque preciso ir dar conta da minha missão á menina Mathilde, e dizer-lhe que a costureira não tarda ahi. (*Sáe pelo fundo.*)

SCENA VII

JAYME D'AVILEZ e depois JAYME.

JAYME D'AVILEZ. Dar-se-ha caso que eu tenha vivido enganado com Matheus? Seria especulação a

sua amizade? Repugna-me acreditar-o; mas o peor é que não posso desprezar inteiramente a observação que me fez. Se fosse possível descobrir quem era o pae do rapaz; o resto fica por minha conta. (*Jayme apparece ao fundo.*) Eil-o. Cumpre-me antes de tudo averiguar bem se existe alguma coisa que possa illucidar-me a este respeito.

JAYME. (*No fundo; á parte.*) Agora que estou deante d'elle, quasi que me arrependo do que prometti.

JAYME D'AVILEZ. (*Sentando-se, diz a Jayme*):
Aproxime-se.

JAYME. (*Á parte.*) Disseram-me que minha mãe havia de bemdizer a exigencia, porque sabia a intenção; portanto resigno-me. (*Aproxima-se de Jayme d'Avilez.*)

JAYME D'AVILEZ. Não foi para accusal-o, que exigi que viesse hoje a minha casa. E tinha de que. Saiba-o. Mas a honra da filha reclamava para o senhor o perdão do pae. Dei-lho. As lagrimas apagaram a offensa. E se ainda me está doendo a ferida que recebi no coração, é só pela falta de confiança de minha filha, e pela pouca franqueza do senhor.

JAYME. Franqueza! minha!

JAYME D'AVILEZ. Teve-a por ventura comigo? No que hontem se passou aqui mesmo não está uma prova do contrario? Em vez de tentar introduzir-se artificialmente em minha casa, para se aproximar de minha filha, não era mais honroso para o se-

nhor contar-me francamente o que lhe ia n'alma?

JAYME. Mas... (*Áparte.*) Oh! que dolorosa situação a minha!

JAYME D'AVILEZ. Pois não viu logo o homem que eu era? Parece-me que poucos ha tão facéis de conhecer á primeira vista? Isto que vê por fóra é o mesmo cá por dentro. Comprehendo toda e qualquer paixão d'um rapaz, porque eu n'esse ponto hei de ser rapaz até ao fim da minha vida. Minha filha amou-o primeiro, apaixonou-se depois, tudo isso é natural e por mim tem passado. Não medío a distancia que os separava, e julgou tão facil subir até ella, como eu tenho julgado acertado descer até muitas. Estranha talvez que lhe falle d'este modo, mas eu sou assim. Não penso uma coisa e digo outra, como a maior parte. Riso ou lagrimas, sympathia ou aversão, nunca fingiu o meu rosto.

JAYME. (*Áparte.*) Que boa alma! E não poder eu socegal-a.

JAYME D'AVILEZ. Escuso portanto de lhe dizer por que hontem o recebi amigavelmente e lhe apertei a mão commovido? Inspirou-me sympathia a sua presença, affligiu-me a sua historia, e affligiu-me profundamente, porque não suspeitei que n'aquelle empenho houvesse o menor calculo.

JAYME. E não havia, creia.

JAYME D'AVILEZ. Bem vê que não posso, e sinto que m'ó peça.

JAYME. (*Áparte.*) É muito! Se eu soubesse, não promettia.

JAYME D'AVILEZ. Esqueçamos porém o motivo que nos reuniu hontem, e tratemos do que nos reúne hoje. Ha só um meio de salvar minha filha do compromettimento que pésa sobre ella. Sabe qual é?

JAYME. (*Áparte.*) Não terá um limite este martyrio?

JAYME D'AVILEZ. Aceito-o; mas ha uma difficuldade que me ajudará a vencer. Penalisa-me, tortura-me, e muito, vêr-me obrigado a exacerbar-lhe uma ferida, que sei, terá sempre aberta no coração. É porém inevitavel. Dê cá a sua mão. — É por minha filha—é pelo senhor, que a meu pesar, o faço.

JAYME. (*Áparte.*) Que será?

JAYME D'AVILEZ. Podia exigir... mas supplico. A exigencia talvez offendesse... mas a supplica d'um pae pode unicamente penalisar. Só para sua mãe tem lagrimas, disse-me hontem; e eu tenho-as para minha filha, digo-lh'ó hoje.

JAYME. Tão venerandas são umas como outras.

JAYME D'AVILEZ. Escute-me pois. Para um homem, que pensa como eu... isto é, que não acredita que se decretam felicidades, porque a felicidade está onde cada qual a sente; para um homem d'estes, repito, a pouca fortuna ou mesmo a pobreza d'um rapaz não é obstaculo a que elle case com a filha. Olha só ao que elle vale moralmente, e se lhe acha este valor, dá-lha sem hesitar. Por este lado estou convencido que minha filha tinha feito boa escolha e portanto não havia razão da sua parte para des-

animar ou descrever das suas aspirações. A sorte, porém, ou o destino, privou-o não só da fortuna...

JAYME. E para que a queria eu, se nem ella me podia dar o que me falta? Bem vê que já adivinhei a que se refere.

JAYME D'AVILEZ. Mas não adivinha tudo. O que eu quero, o que pretendo, é que alguém lhe restitua o que lhe deve.

JAYME. Conhece esse alguém?

JAYME D'AVILEZ. Não, mas conto que me dê algum esclarecimento que me leve a descrubril-o.

JAYME. D'esse modo desista.

JAYME D'AVILEZ. Isso de forma alguma. E a minha Mathilde, e minha filha! Não vê que a reparação é quasi impossivel sem que esta condição seja preenchida? Sei que não teve a culpa, mas ainda assim era a unica accusação que podia fazer-lhe, porque se a fatalidade o tornou victima, devia pensar, antes de fazer mais outra victima. Mas não fez. E suppliquei, suppliquei como pae. Devia e deve ouvir-me.

JAYME. Se eu não posso, nem sei...

JAYME D'AVILEZ. Procure, recorde-se, excogite... ás vezes um leve indicio descobre grandes mysterios. Um papel, uma palavra, um objecto qualquer, favorecem as indagações. Uma prenda estimada, uma reliquia, a mais insignificante memoria que o amor guarda, e que mais tarde a amisade surprehende, tudo auxilia...

JAYME. (*Aparte.*) A memoria existe, mas não é

tempo de a apresentar, porque tudo isto é uma illusão que ha de desvanecer-se.

JAYME D'AVILEZ. Calla-se? É este o premio da minha moderação? É esta a recompensa de ser bom? O amigo pediu, o pae supplicou... e tudo de balde. Julgam-me talvez fraco porque sou indulgente? Nesse caso, mais devagar. Sou rapaz quando quero, homem quando preciso, e pae quando devo sê-lo. Diga-me, por honra de sua mãe, o que sabe?

JAYME. Pela honra de minha mãe, callo-me.

JAYME D'AVILEZ. Faz mal.

JAYME. Porque?

JAYME D'AVILEZ. Não m'o pergunte... por ella.

JAYME. Nesse caso ha de fallar, que eu tambem fallo. Prometti soffrer por minha mãe o que tenho soffrido; mas á suspeita d'um insulto á sua memoria, termina a promessa que fiz. Posso fitál-o com altivez, porque entre nós não ha prisão alguma. (*Mathilde tem apparecido momentos antes.*)

SCENA VIII

OS MESMOS E MATHILDE

MATHILDE. Quem sabe? Oçam-me primeiro.

JAYME D'AVILEZ. Mathilde!

JAYME. (*Á parte.*) Que será?

MATHILDE. Peço antes perdão a meu pae da ousadia, e desculpa ao sr. Jayme da exigencia. Mas na historia que lhes vou contar hão de vêr tudo justificado.

JAYME D'AVILEZ. Uma historia!

JAYME. E a historia interessa...

MATHILDE. Os dois. Ninguem m'a disse, revelou-m'a o acaso. É uma historia triste, mas á qual falta a conclusão, que póde ser feliz, se me ajudarem a completál-a.

JAYME D'AVILEZ. A ti!

MATHILDE. A mim, que tenho uma parte nella—pequena e insignificante, mas espontanea e ignorada. É a historia d'uns amores meu pae, é a historia d'uma infelicidade, sr. Jayme.

JAYME D'AVILEZ. A historia d'uns amores, conta-m'a.

JAYME. E d'uma infelicidade, acrescentou V. Ex.^a diga-m'a. Esse quinhão pertence-me.

MATHILDE. Começarei pelos amores. É o capitulo mais breve. Alvoreceu nelle a luz da esperanza, e desapareceu logo, perpetuando as trevas do infortunio. Longe do mundo e dedicada ao trabalho vivia uma pobre rapariga, tendo por unico dote a innocencia. Cubiçou-lh'o porém um dia a ociosidade doirada, e taes artificios empregou, que, desvaiada pela paixão, em poucos dias sacrificou a desventurada a sua unica riqueza. Não a chorou em quanto lhe prolongaram o sonho que tivera; mas esse foi rapido, porque cêdo a recordaram delle. O seductor tinha empenhado a sua palavra n'um casamento, e um mez depois havia rompido com a infeliz na sombra para cumprir o que promettêra perante a sociedade.

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Que pressentimento. Estou a tremer.

JAYME. Agora o capitulo da infelicidade não pôde estar longe.

MATHILDE. Começa. Como se á victima não bastasse a vergonha intima e silenciosa para lhe attribular a consciencia; outra provação maior surgiu repentinamente para ella, impossibilitando-a de esconder do mundo o seu erro. A desgraçada era mãe.

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Isto vae cada vez a peor, e não sei porque, mas sinto o coração apertar-se-me.

MATHILDE. Realizado que foi este acontecimento, a desditosa nunca mais viveu senão para seu filho. A mãe purificou a mulher. Esqueceu esta para cumprir religiosamente os deveres daquella. Os sorrisos do filho dulcificavam-lhe as lagrimas. Era tão feliz quando os contemplava, que mais d'uma vez bemdisse o que padeceu. Quando as forças lhe faltavam para o trabalho, ia beijal-o para as renovar. Deu-lhe caricias e affagos em quanto criança, deu-lhe educação e exemplo mais tarde. Remiu finalmente a culpa n'uma existencia de abnegação e martyrio!

JAYME. (*Que tem ouvido tudo attentamnte mostrando intima commoção.*) E vive ainda essa infeliz?

MATHILDE. Morreu.

JAYME. Morreu! E o filho?

MATHILDE. Vive.

JAYME D'AVILEZ. E o pae?

MATHILDE. Tambem.

JAYME. E sabem dos laços que os prende?

MATHILDE. Não.

JAYME D'AYILEZ. Nem haverá quem lh'o diga?

MATHILDE. Talvez haja.

JAYME. E quem lh'o prove?

MATHILDE. Tambem.

JAYME D'AVILEZ. Como?

MATHILDE. Por meio d'uma reliquia, d'uma memoria.

JAYME. (*Levando a mão ao peito.*) Uma reliquia! E Carolina que me pediu que trouxesse esta!

JAYME D'AVILEZ. (*Agarrando o subscripto que está em cima da meza.*) Uma memoria!

MATHILDE. (*Áparte.*) Aproxima-se o instante supremo! Dai-me animo, meu Deus.

JAYME. E a reliquia é...

MATHILDE. Metade d'um nó gordio.

JAYME. Meu Deus!

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) Não ha duvida, sou eu, que fui pae sem o saber.

JAYME. E quem viu a tal reliquia?

MATHILDE. Eu.

JAYME. V. Ex.^a, mas onde e quando?

MATHILDE. Onde ella estava, e quando ciumes—infundados—d'uma amiga minha me levaram a procurar n'uma secretária provas que não existiam. Encontrámos apenas uma carta, encerrando um nó gordio. Tenho de cór as ultimas palavras da carta. « Só saberás quem é teu pae, se um dia te fôr apre-

« sentada a outra metade deste anel. Foi então
« Deus que o quiz, e é justo que se cumpra a sua
« vontade. »

JAYME D'AVILEZ. O que? Pois será, elle?

JAYME. E V. Ex.^a sabe...

MATHILDE. Sabia da existencia da outra metade,
porque mais d'uma vez me tinha feito scismar a
mim — e a mais alguem.

JAYME D'AVILEZ. (*Áparte.*) A minha mulher, que
era zelosa como tudo.

JAYME. E pôde dizer-me quem a tem?

(*Jayme e Jayme d'Avilez acham-se ambos neste
momento com as duas metades do nó gordio nas
mãos.*)

MATHILDE. (*Apontando-lhe para o pae.*) Repare,
ou antes apresente-me cada qual a sua reliquia...
porque sei que ambos possuem. (*Os dois apresen-
tam-lh'as, ella agarra-lhes as mãos e une-as.*) Ve-
jam. Uno a reliquia que ha de unir-lhes os cora-
ções.

JAYME. Que vejo!

JAYME D'AVILEZ. São as duas metades. Meu filho!

JAYME. Meu pae! (*Vão para se abraçar; mas
Jayme como ferido d'uma idéa pára, e recua tré-
mulo e commovido.*) Oh! não... nunca.

JAYME D'AVILÉZ. Que dizes, filho?

JAYME. Digo que não posso reconhecer como pae
ao homem que me não deixou balbuciar tal nome
ao lado de minha mãe. Mãe, conheci; e choro-a;
meu pae morreu antes de eu nascer. Restam-me

pois duas sepulturas: n'uma está gravada a saudade, na outra o esquecimento.

JAYME D'AVILEZ. Mas se eu nada sabia.

JAYME. E porque? Para illudir o coração d'uma pobre mulher não hesitou em procural-a; mas poude esquecêl-a quando o conseguiu, sem ao menos averiguar se vivia na miseria. Estendeu-lhe a mão para o mal, mas negou-lh'a para o bem. Transformou-lhe os risos em lagrimas, e não soube enxugar-lh'as. Bem vê que estes braços não se podem abrir para quem fez chorar minha mãe — e no senhor não vejo senão o homem que tal fez.

MATHILDE. Recorde-se das palavras de sua mãe: « se a reliquia apparecer, foi Deus que o quiz, cum-
« pra-se a sua vontade. »

JAYME. Deus é justo, e viu o martyrio daquella santa. Sabe portanto que o filho não pôde esquecêl-o nem perdoal-o.

MATHILDE. E se fosse sua mãe que o exigisse ! Quem sabe se foi ella que implorou a Deus no ceu, para que este fosse revelado na terra? Deste segredo dependia a felicidade e o futuro do filho ! Só á troca deste segredo podia elle obter uma restituição que lhe era devida.

JAYME D'AVILEZ. A do meu nome, que desde já tem um herdeiro.

JAYME. E se eu o recusar? Não me atirou ainda agora ás faces como affronta a ausencia d'elle? O que era culpa unicamente sua, não m'a attribuiu insinuando-me que eu devia consideral-a como obstaculo

às minhas aspirações? Já adoptei um nome. O que os parentes de minha mãe lhe deram. Se outro não teve, também eu não quero tê-lo. Valeu tudo para mim. Ella provou-me que era minha mãe, e o senhor dizem-me agora que é meu pae.

MATHILDE. E provam-lh'o.

JAYME D'AVILEZ. É sinto-o, e glorio-me de o ser, porque até nas pungentes palavras com que me opprime, se engrandece a meus olhos. É o mesmo sangue, é a mesma alma; tudo quanto sente, havia eu de sentir-o. Abre-me os teus braços, filho, quero que m'os abras, ainda que para o conseguir tenha dobrar os joelhos.

JAYME. (*Muito commovido corre a Jayme agarrando na reliquia. e diz-lhe.*) Diante desta reliquia pôde fazê-lo, implorando na terra o perdão que lá do ceu lhe manda talvez uma santa.

JAYME D'AVILEZ. (*Beijando a reliquia e ajoelhando.*) Peço-o arrependido, e pelo filho hei de alcançal-o.

JAYME. (*Erguendo-o e abraçando-o.*) Meu pae!

JAYME D'AVILEZ. Filho! meu filho! Este instante é o melhor da minha vida.

MATHILDE. Nesse caso agradeça-m'ó, ao menos com um beijo.

JAYME D'AVILEZ. Um!... mil. A mulher-anjo é rara, mas existe. Tenho o exemplo em minha filha. (*Como ferido repentinamente d'uma idéa.*) Mas aquella protecção... aquelles amores...

MATHILDE. Aquella protecção saiu da minha guar-

da roupa. Eram os vestidos que eu comprava nas modistas para mandar vender pelas contrabandistas. Quanto aos amores de Jayme, de seu filho vou já apresental-os... se meu irmão dá licença.

JAYME. Minha irmã! como hei de pagar-lhe...

MATHILDE. Espere um momento, que eu lh'o direi... (Sâe.)

SCENA IX

JAYME E JAYME D'AVILEZ, *logo depois* MATHILDE
E CAROLINA

JAYME D'AVILEZ. Agora que não está aqui Mathilde, tenho uma coisa a pedir-te.

JAYME. Ordene, meu pae.

JAYME D'AVILEZ. Para o mundo hei de ser teu pae, mas em casa tomarei o lugar de filho. A tua cabeça vale mais do que a minha, só a cabeça, porque o coração e os sentimentos são os mesmos. Portanto has de ser tu quem me has de governar. És mais velho do que eu. Tenho toda a certeza.

JAYME. É um gracejo de meu pae.

JAYME D'AVILEZ. É uma prova de que me conheço.

MATHILDE. (*Apresentando Carolina a Jayme de Avilez.*) Apresento-lhe os amores de seu filho.

JAYME D'AVILEZ. Então diz-lhe a elle que me apresente sua mulher.

CAROLINA. Sua mulher!

JAYME. Todas as felicidades n'um dia!

MATHILDE. (*A Jayme.*) Meu irmão, fico paga, se a tornar venturosa.

JAYME D'AVILEZ. (*A Carolina.*) Prometti-lhe ontem enriquecel-a desinteressadamente, e tenho hoje a fortuna de poder cumprir a minha promessa.

SCENA X

OS MESMOS, MATHEUS, E LOURENÇO.

JAYME D'AVILEZ. Chegas a proposito, porque estamos na maré das apresentações. Apresento-lhe meu filho Jayme d'Avilez e a sua futura esposa.

MATHEUS. Então tua filha está livre?

MATHILDE. Tão livre que regeita os seus offercimentos.

JAYME D'AVILEZ. É elle quem hoje manda n'esta casa. Dou-lhe pois de conselho que case com D. Rosalia, e dispenso-o de que mande dar parte. Os Tufos tarde ou cedo desmascaram-se. Intende-me.

MATHEUS. (*Cumprimentando.*) Tanto intendo, que saio já. (*Á parte.*) Perdi a partida. (*Sáe.*)

LOURENÇO. E a minha menina fica solteira?

MATHILDE. Até que meu pae case. Não o quero deixar só.

JAYME D'AVILEZ. Olha que se esperas até lá, cores o risco de vires a passar por minha irmã. (*Á parte, para o publico.*) Está decidido que toda a minha vida heide ter uma prisão, e que as rapiadas hão de ser feitas às escondidas.

FIM DO DRAMA.

PARECER

DA COMISSÃO DE CENSURA DRAMÁTICA

*Revê a comedia-drama original em tres actos intitulado **PRIMAVERA ETERNA**, cujo argumento participa de verosimeis paixões, e de mui natural jovialidade. O enredo é como o author os sabe fazer—com arte e interesse—; o desenlace feliz e de boa lição; e a linguagem mui adequada aos diversos personagens.*

Approvo-a, e com louvor, para o theatro a que se destina.

Lisboa, 12 de Março de 1860.

A. Silva Tullio

L. A. Palmirim.

AO LEITOR

Direi, franca e singelamente, as razões que me animaram a escrever a *Primavera Eterna*. A primeira foi o reconhecimento; a segunda, um lisongeiro estímulo. O reconhecimento impoz-m'o uma das nossas primeiras vocações artisticas, o sr. José Carlos dos Santos, mostrando-se empenhado em levar á scena uma producção minha, em seu beneficio. O estímulo consistiu na acceitação que mereceu ao nosso popular e eximio actor Taborda, a idéa da comedia, quando lha contei rapidamente n'uma conversação que tivemos, desenhando-lhe ao mesmo tempo os principaes contornos do typo que lhe destinava. Como elle o realisou depois, muitos o presencaram. Realisou? não; engrandeceu? sim. Devo esta confissão, e folgo ter occasião de a fazer. Eu mesmo desconheci o meu personagem, porque vi transformado n'um vulto notavel o que era apenas um leve esboço. O seu bello talento completou o que a minha imaginação havia phantasiado, mas o que o mau aparo do meu lapis não podéra reproduzir. Foi admiravel como sempre! Teve sorrisos expressivos e lagrimas sentidas! Soube realçar tanto a veia comica, como avivar o sentimento dramatico! Inspirando-se em todas as suas creações da verdade, é só a verdade que lhe vivifica a palavra e lhe inunda os olhos. Este condão, que é o mais notavel do seu genio artistico, nunca se manifestou tão brilhantemente como na *Primavera Eterna*.

Para dividas taes, não ha resgate possivel. Se até em contrahil-as ha gloria!

Á graciosa e sympathica actriz Emilia Letroublon, e ao intelligente actor Santos, cabe tambem um quinão valioso no exito que obteve a *Primavera Eter-*

na, e registando-o aqui, não faço mais do que cumprir um dever.

Resta-me agora agradecer á imprensa em geral a benevolencia com que recebeu a minha obra, e abusar da amisade que me prende a Julio Cesar Machado, enriquecendo as paginas deste livro com a critica da sua elegante penna.

Ernesto Biester.

O actor Santos, do Gymnasio, que tem levado a existencia a aspirar em dois e tres actos por noite á felicidade conjugal, que é a *terra da promissão* dos amantes correspondidos, ia passando desta vez pelo desgosto de não casar na noite do seu beneficio, o que é contra todas as regras dos beneficios de galan!

— Não seria possivel, perguntou o sympathico actor ao sr. Ernesto Biester, não seria possivel, ainda que lhe dêsse um bocadinho de incommodo, fazer-me casar no fim da peça com a heroína?

— Deus nos livre! respondeu o sr. Ernesto Biester, auctor da *Primavera Eterna*: a heroína é sua irmã!

— Disso é que eu me queixo! replicava o beneficiado. Deixar ficar a heroína solteira! mas nunca se viu! Sou sacrificado aos interesses da segunda dama! Em qualidade de galan, competia-me a primeira!

— E as leis da natureza, senhor! Quer esquecer as leis da natureza? Pois, se no fim se descobre que é sua irmã!?

— Valha-nos Deus! Seria tão util e tão facil evitar essa casualidade, e dispensar-me de ser parente tão proximo della! Ó sr. Biester, — falle — o sr. Biester o que precisa é um reconhecimento para o desenlace? Pois reconheça-me *primo* do dono da casa, em vez de *filho*! A surpresa é a mesma, e as leis do sangue são mais tolerantes! Desta maneira posso aspirar á mão da heroína, e poupo ao espectador a lastima de a vêr ficar solteira!

— Forte mania matrimonial é a sua! O casamento,

meu bom amigo, é hoje uma moda usada... e *abusada*. O recurso mais vulgar do dramaturgo é o *sêde felizes* da benção paterna! Casar a heroína! Para que? Mais valia um divórcio!

— Pois, isso! Faça-lhe um divórcio!

— Mas, se ella não casou? O código não permite divorciar as heroínas... solteiras!

Então, o estimavel actor tendo de resignar-se a fazer a côrte á menina Carolina, simples e modesta costureira que vive com sua tia, tem o desejo ingenuo de se tornar independente, e ir procurar com ella as benções do sacerdote. Outro qualquer, para este fim, tinha requerido logo para algum dos concursos, — elle, porém, vae lêr os annuncios dos jornaes, para vêr se ha logar que lhe convenha.

Ah! os annuncios! Eu não conheço em toda a vasta litteratura das nações uma pagina mais filosofica, do que a ultima do *Jornal do Commercio*!

Alli acabam as vaidades humanas e as falsas pompas sociaes!

O conselho administrativo do Credito Movel faz-se annunciar por baixo do *Oleo do tutano de vacca*!

A secretaria do Instituto Agricola ao lado das *Lampreas de escabeche*!

Uma viuva que agradece inconsolavel ás pessoas que lhe honraram, etc., está por cima de *Manteiga fresca*!

Um Museu Real estrangeiro propõe a compra de livros antigos, ao lado de um editor que annuncia durante annos *os ultimos cincoenta exemplares* de uma edição de que não vendeu nenhum!

O escoveiro previne que já dá jantares, aos domingos, no Campo Grande; algum pobre moço, que não tem de comer, offerece-se para dar lições de francez por casas particulares; as pilulas Holloway propõem-se a curar todas as enfermidades deste mundo; uma senhora, finalmente educada talvez, offerece-se para creada de quarto; o cabelleireiro Baron faz descobertas cada vez mais uteis á cabeça humana; um auctor dramatico annuncia que perdeu um rolo de papel, e não se atreve a offerecer alviças, porque os productos da representação não chegariam para isso; a *Pomada Florestal*, o *Rob L'affecteur*,

e a *Essencia de Salsa Parrilha* passam em contradação com alguns leilões, com muitos predios para vender, guarda-livros desempregados, e creadas para casa de homem só; e, — finalmente! — o sr. Alegria, que está ainda a acabar de receber, desde que eu nasci, um sortimento de mantilhas hespanholas da ultima moda, e entre ellas, brancas proprias para noivas, *as quaes vende sua mulher Maria Alegria*; não fallando em *carneiros merinos hespanhoes para crusamento de raça!* os quaes vende elle!

A sabedoria humana reduz-se a isto! Encontram-se nesta pagina mil romances sem titulo, mil dramas occultos, mil farças grotescas! e o desgraçado que annuncia o seu prestimo na esperanza de alcançar quem o atenda, e dispensar-se de ir atirar comsigo da muralha de S. Pedro de Alcantara, paga exactamente os mesmos 40 réis por linha, como a direcção de uma philarmonica qualquer, que annuncia um baile, ou um cabelleiro que previne o publico de que possui o segredo de acabar com os calvos!

E o leitor passa pela vista umas e outras noticias com a mesma indifferença e o mesmo olhar, ou se perdesse um cão ou uma criança! Hoje as dores moraes são, por via de regra, tão partilhadas... como as physicas!

Certo é, como eu ia dizendo, que o actor Santos — para melhor dizer — Jayme, que é o nome do seu personagem na *Primavera Eterna*, vê um annuncio a pedir um secretario, e apresenta-se em casa de Jayme d'Avilez, velho janota que tem passado a vida em amores, extravagancias, dissipações e aventuras! Jayme é bastardo; o velho elegante chama-se Jayme tambem. Está percebido, que não pôde deixar de ser pae d'elle, segundo todos os preceitos da boa comedia, e o espectador prepara-se para uma descoberta, a que o auctor não quiz dar o apparatus da surpresa, no que teve, a meu vêr, mais delicado gosto.

Jayme d'Avilez é o typo do velho-rapaz, elegante, despreoccupado, garrido, namorista implacavel e conquistador furioso. E' o epilogo de uma existencia de estroinice, que se habituou de mais ás mulheres e aos amores, e a quem de balde os cabellos brancos quizeram

provar, que não é o tempo que foge de nós, mas que nos vê fugir d'elle!

Conta-se de certo inglez, que elle se estreára na vida, trepando na trazeira de uma carruagem em qualidade de creado da taboa. Mais tarde, por circumstancias extraordinarias, longas de mais para referir, adquiriu uma fortuna immensa, deu jantares magnificos, e teve camarote de assignatura nos principaes theatros.

Ora, quando este, inglez offerencia a mão ás senhoras para as conduzir a casa na sua carruagem, nunca deixava de levantar o estribo, e corria machinalmente para a trazeira!

Jayme d'Avilez conservava tão inveterados os costumes de janota — apesar da idade, — como o inglez os de lacaio, apesar da fortuna. Em vendo mulher, este terrivel Jayme, via o seu Eldorado, e, como nós dizemos entre rapazes, *atirava-se!*

A namorada do Jayme rapaz, o Jayme *junior*, para o não confundirmos daqui em diante com o auctor de seus dias! é uma costureira bonita e honesta. — Jayme *senior* vae desencantar esta humilde violeta, e procura transformal-a em rosa, tentando-a pelas seducções da vaidade e do luxo.

O mancebo, porém, interrompe-lhe o dialogo, e atira-lhe á consciencia com umas poucas de phrases de galan escandalisado, defendendo os creditos da sua creatura querida, e terminando por lhe perguntar o que faria elle se encontrasse em sua casa um homem, não para offerecer a sua filha a fortuna a troco da perdição, mas para lhe causar a perdição com vistas na fortuna?

— O que faria? replica Jayme d'Avilez, sem pensar que o rapaz invocava a pena de talião. E' facil de suppor. Atirava com elle pela janella fóra!

— Reconhece então que igual direito haveria...

— Para um pae, como eu sou; mas creio que o senhor não é pae desta menina!

— Serei seu irmão, responde Jayme; já que ninguem lhe resta no mundo para a guardar!

A scena torna-se mais animada ainda, as apostrophes cada vez mais vehementes, mais implacavel a colera, e

as recriminações mais audazes, quando, no momento de Jayme d'Avilez se sentir moço e intrepido para castigar os insultos do mancebo, Mathilde vem pedir-lhe por Deus e por tudo que não toque em Jayme.

Ora, desde o principio da pega tem-se prevenido por vezes o espectador, de que o mancebo tem uma protectora occulta, que lhe valle e o sustenta, porque elle não tem posição que o dispense de uma fortuna, nem fortuna que o dispense de uma posição.

Jayme d'Avilez tem ouvido isto, e ao vêr sua filha deitar-se-lhe aos pés supplicando-lhe por si e por seu pae, que poupe o mancebo, passa-lhe pela cabeça uma idéa fatal.

— Jesus! que recordação! A rapariga que o protegia... seria... era...

— Era eu! diz a filha.

Então o velho-rapaz, o velho-eleganté, o estroina-velho, no momento de affastar sua filha cheio de colera, pondera a si proprio n'uma rapida transição, que: se o amor ainda o obriga a fazer doidices, que admiração é que lh'as inspire a ella?! e, depois de dizer a Jayme que o procure no dia seguinte, pede o braço a Mathilde, atravessa por entre todos, e diz:

— Ampara-me! Sinto-me velho hoje pela primeira vez na minha vida!

No terceiro acto, o character do velho toma a feição que lhe é propria, n'algumas scenas. A desgraça pou-sando a sua mão violenta no hombro deste homem, esmaga-lhe o peito: o desgosto, para elle, pode mais qua o tempo, e só a dôr teve o poder de lhe fazer sentir a idade!

Mathilde, que é o anjo propicio, o anjo bom da casa, — emenda tudo, salvando, remindo, consolando todos! Por meio de uma historia que lhes conta, commove-os despertando-lhes o interesse por uma situação igual á que os opprime, até que o pae e o filho se reconhecem ao juntar as duas metades de um anel, que deve unir-lhes os destinos e os corações!

Tal é o fundo da acção da *Primavera eterna*, do sr. Ernesto Biester. Se o folhetim quizesse ser escrupuloso, de muito pouco teria a queixar-se nesta composição sin-

gela, em que as scenas decorrem com facilidade e as situações se preparam sem esforço.

Parece-me apenas, que a acção, e, por consequencia, o interesse, começa um pouco tarde, e que a exposição pôde considerar-se longa para uma peça que, tendo só tres actos, lhe concede todo o primeiro. Depois, no final, — permitta-me ainda o auctor ser franco — achei desagradavel a sensação produzida pela dôr de um pae a quem o filho rejeita!

Não ha erros passados, não ha leviandades de homem de mundo, que dêem o direito a um filho, — ou, pelo menos, lh'o devam dar no theatro, que é a eschola do gosto e a eschola do bello! de cobrir de vituperações e de affrontas um pae, que lhe estende os braços implorando o perdão, e se curva de joelhos para o alcançar pelo arrependimento!

No *Fils Naturel* de Alexandre Dumas filho, dá-se esta situação tambem, e Jaques recusa a seu pae o nome que elle não havia dado a sua mãe.

Iternay. Mais, si vous ne voulez pas m'appeler votre pere, vous me permettez bien de vous appeller mon fils?

Jaques (en souriant.), Oui mon oncle!

N'este confronto, o sr. Biester mostra-se um auctor de melhor gosto; porque não insiste nas exprobrações de Jayme, e reconcilia os dois personagens, alcançando um effeito muito mais grato e attrahente do que o dramaturgo francez na peça que citámos; effeito, todavia, que o espontaneo perdão do filho haveria tornado ainda mais completo, porque o animo do publico esfria um momento, ao vêr que o personagem do drama se demora em realisar o instincto de cada espectador n'aquelle instante!

Em tudo o mais, a nova peça do sr. Ernesto Biester agradou-me immenso, como a toda a platéa, que, cobrindo-a de applausos, não fez mais do que prestar justiça ao seu inquestionavel merecimento. E' uma comedia sympathica, que não fatiga, que apresenta novidade nos caractéres e nas situações, e em que o desempenho soube conservar-se por parte de Taborda, Emilia Le-troublon e Santos, á altura dos papeis.

E' difficil elogiar muito Taborda, ua sua parte de-

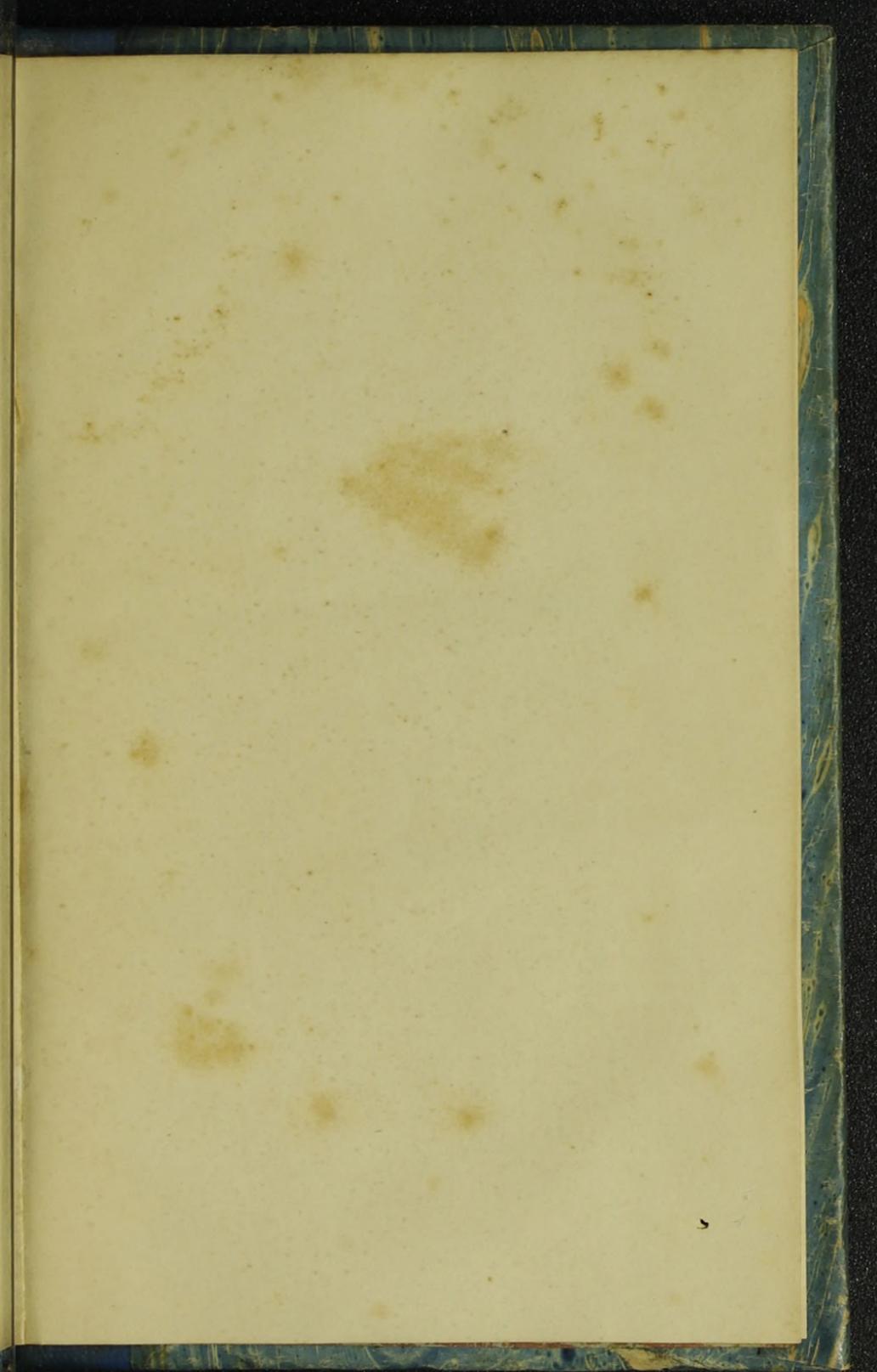
Jayme d'Avilez. Escrevi agora tres periodos, e risquei-os todos! porque diziam pouco, para o que eu sinto de admiração por elle! Veja o leitor se me percebe quanto elle foi admiravel e magnifico... ao dizer-lhe eu que Jayme d'Avilez, e — Miguel, o torneiro são, a meu vêr, os seus melhores papeis d'exame!

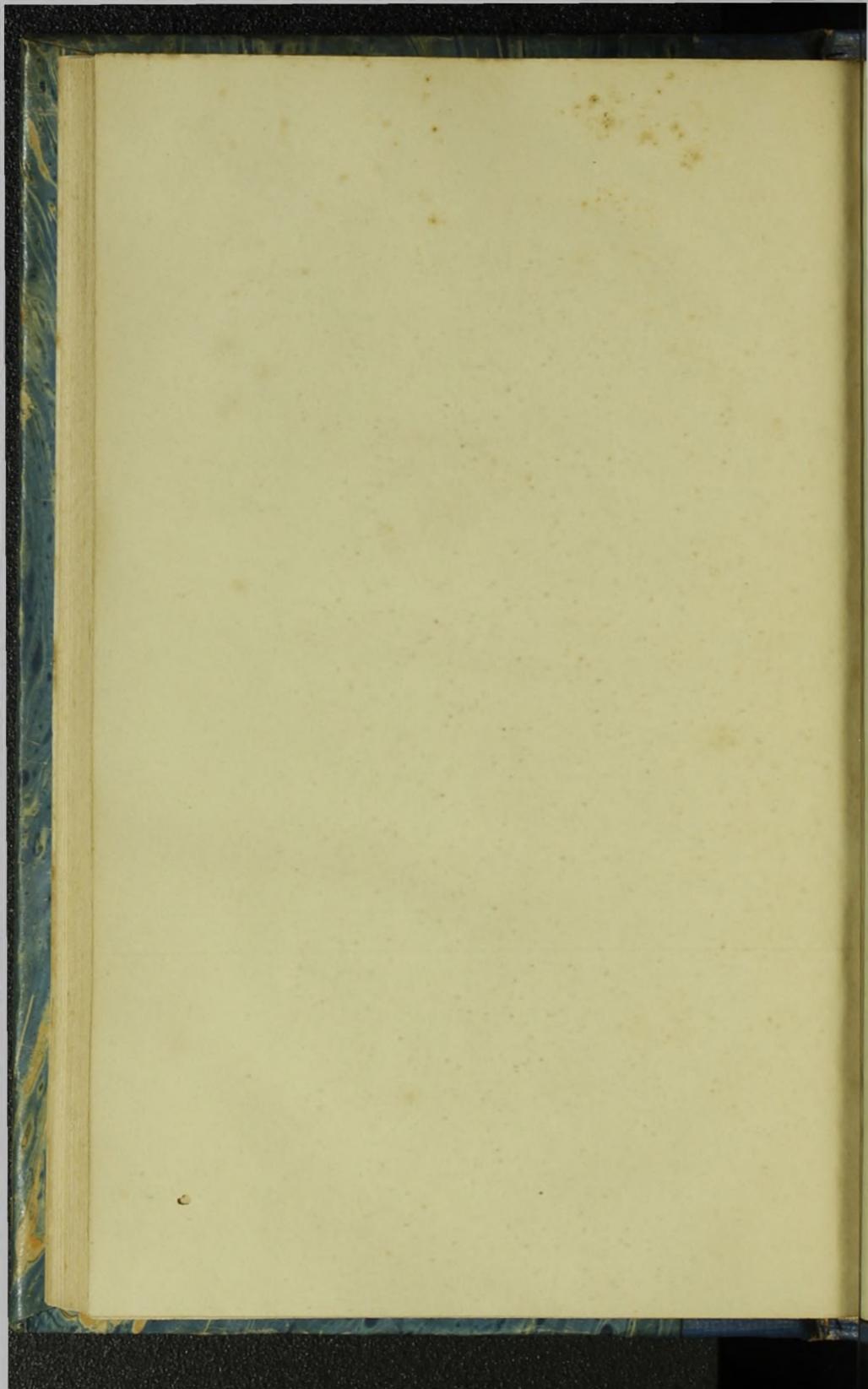
A sr.^a Emilia Letroublon foi meiga, elegante e gentil, como a Mathilde da peça o exigia.

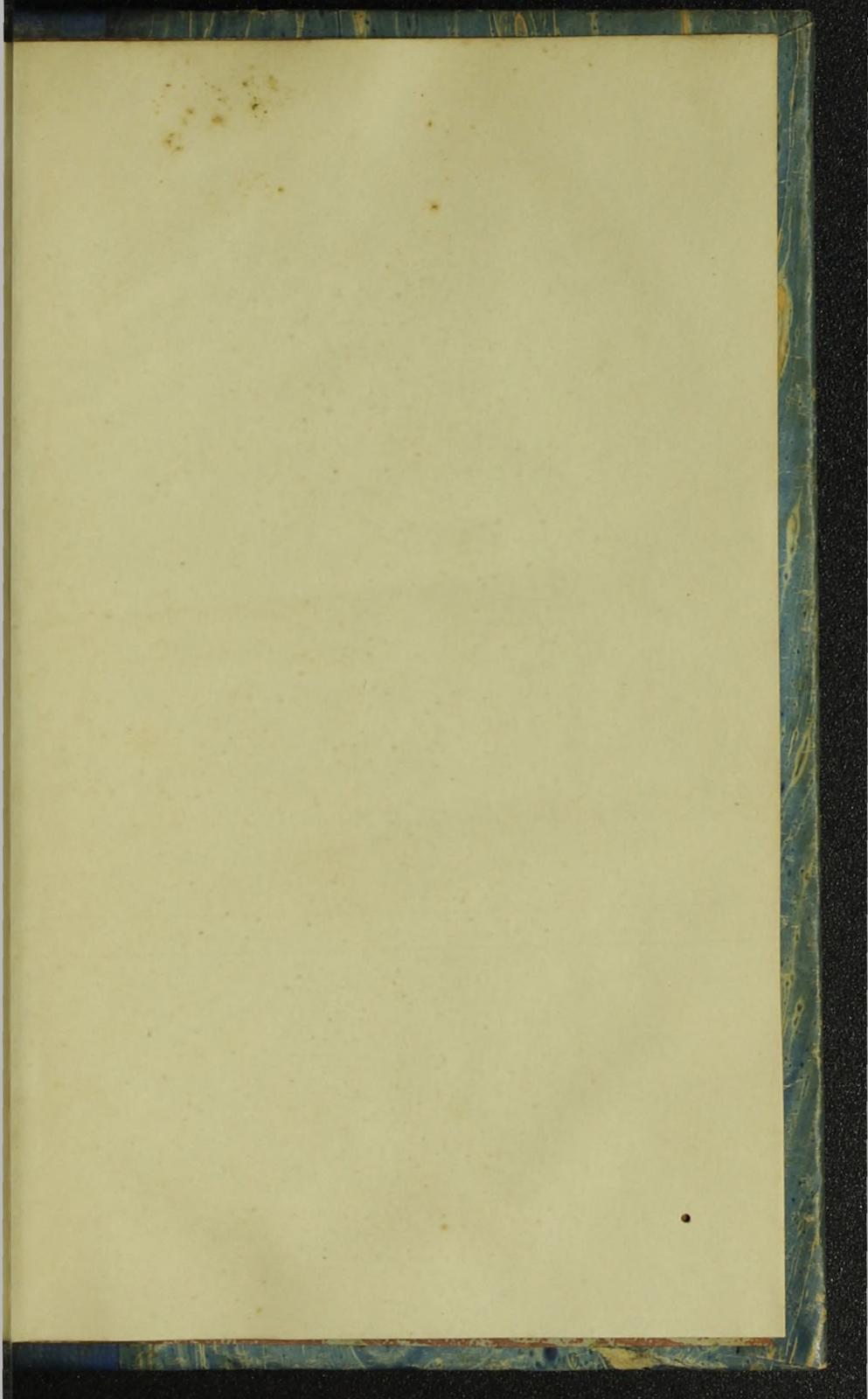
Em quanto a Santos, é hoje o galan da situação. É elle quem commove, quem sensibilisa, quem apaixona, quem attrahe. São para elle os sorrisos e as lagrimas das senhoras. Quantas vezes, meu bom Deus! ao voltarem de um espectáculo e ao recolherem ao seu quarto, se teem ellas recordado de uma scena, de uma situação, de uma phrase, que lhes desperta a lembrança de outra phrase que lhe foi dita, de uma situação igual por que passaram, de uma scena identica que na sua existencia marca uma saudade doce ou triste... E de quem se recordam então? senão d'aquelle feiticeiro dos amores, que tem um nome meigo, elegante e facil, Paulo, D. João, Eduardo, Luiz! que é sempre moço, que é sempre bello, que é attrahente sempre... — o galan!?

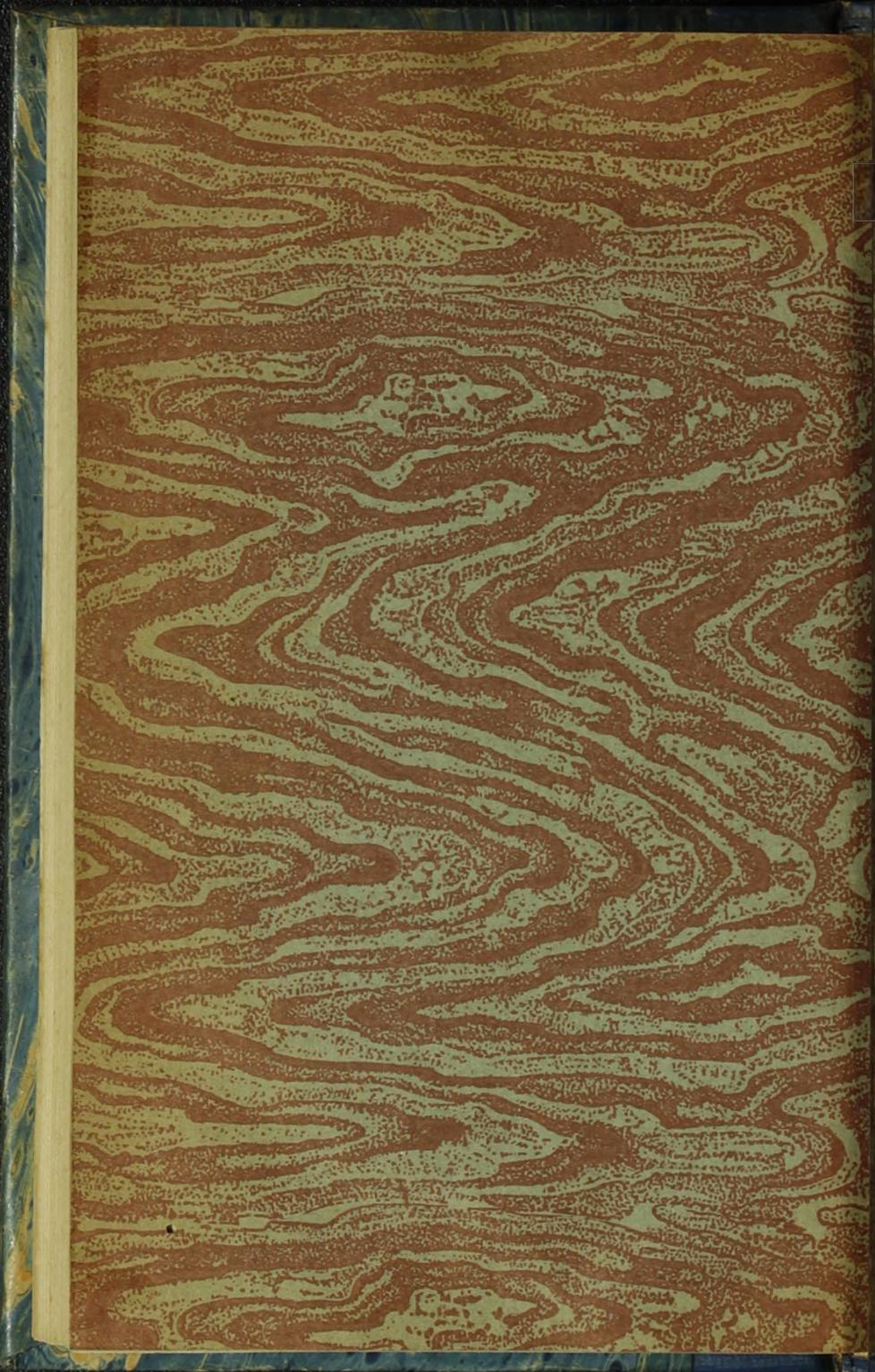
Este titulo de *Primavera Eterna* fez-me impressão. É o sorriso humido de lagrimas com que um homem na flor da existencia graceja dos rigores da idade. Ernesto Bies-ter aos cincoenta annos não escreveria esta peça, apesar mesmo da extrema delicadesa de desenho que imprimiu na figura do velho rapaz! Quasi toda a gente principia a fazer loucuras quando lhe chega a idade... da razão; porque não se perdoará então aos que já estão no fim... d'essa idade? Do auctor, dos espectadores, ou de mim — qual de nós tem a certeza hoje de não ter uma costella de Jayme d'Avilez, e de não chegar um dia ao estado desillusorio de se reconhecer velho... no meio de uma rapaziada? Primavera da vida, porque não és tu eterna?

Julio Cesar Machado.









090
B488P

